

RA

REVISTA
ADVENTISTA

A Emigração e a Bíblia

15

GRAVADO NA PEDRA

O achado de
um antigo
barco do Mar
da Galileia

43

TESTEMUNHO

Um rebelde,
uma revolta
e um milagre

46

TEOLOGIA

As boas-novas
do juízo
pré-Advento

PUBLICADORA SERVIR
ABRIL 2024
N. 923 | ANO 85



"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL revista.adventista@pservir.pt

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SERVIR, S. A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

**Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.
Venda do Pinheiro**

TIRAGEM **4900 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

abril

D	S	T	Q	Q	S	S
31	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	1	2	3	4

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

5-7 MaPaS (MINISTÉRIO ADVENTISTA PARA ADULTOS SOLTEIROS)

6 COLÓQUIO DE MORDOMIA – RE LISBOA E VALE DO TEJO

13 COLÓQUIO DE MORDOMIA – RE CENTRO C

20 UNITALKS CENTRO

21 FORMAÇÃO SAL

25-28 FORMAÇÃO DE LÍDERES DO MINISTÉRIO DA FAMÍLIA

29 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ZOOM)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

1-5 REUNIÃO DA PRIMAVERA DA CONFERÊNCIA GERAL (GC)

8-12 EDITORIAL SAFELIZ (EUD)

15-19 ASSOCIAÇÃO DA BOÉMIA (CSU)

22-26 ASSOCIAÇÃO DA SUÍÇA ALEMÃ (SWU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[15] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[28] DOMINGO

maio

D	S	T	Q	Q	S	S
28	29	30	1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	1

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

4 II JORNADAS DA SAÚDE ADVENTISTA

11 COLÓQUIO DE MORDOMIA – RE NORTE A

11 e 12 EFJA NÍVEL III

12 FORMAÇÃO SAL

18 CONVENÇÃO NACIONAL DE ANCIÃOS

25 DIA DA ÊNFASE DA ADRA

26/5-1/6 CAMPANHA NACIONAL DE SOLIDARIEDADE – ADRA

27 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ZOOM)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

29/4-3/5 CLÍNICA LA LIGNIÈRE (EUD)

6-10 ASSOCIAÇÃO DE BERLIM E DA ALEMANHA CENTRAL (NGU)

13-17 UNIVERSIDADE ADVENTISTA DE FRANÇA (COLLONGES) (EUD)

20-24 CONCÍLIO DA EUD

27-31 CASA PUBLICADORA DA ROMÉNIA (ROU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[2] QUINTA-FEIRA

[13] SEGUNDA-FEIRA

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 22:47

[C] RTP2 ENTRE AS 17:00 E AS 17:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

04

EDITORIAL

Crer e servir, hoje!

05

ATUALIDADE

Esta vida de emigrante!

A emigração à luz da Palavra de Deus.

11

MISSÃO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

Educação Adventista –

Uma parceria de sucesso

A vantagem educativa Adventista ao serviço dos nossos filhos.

15

GRAVADO NA PEDRA

O achado de um antigo barco do Mar da Galileia

Um tipo de barco que Jesus conheceu e usou.

20

OLHA O QUE EU VI

Resoluções importantes

Um desafio para criarmos relações humanas mais empáticas.

22

JORNADAS DE FÉ

Eurico Correia

Conheça a história de vida do Presidente do CELP, também Professor de Teologia na Universidade Adventista, em França.

28

CRESCER NA GRAÇA

Sentindo a presença de Deus

A importância da proximidade com o Deus vivo.

34

ESPÍRITO DE PROFECIA

150 anos de Adventismo oficial na Europa: Michael Belina Czechowski (Parte II)

Mais um pouco da biografia do homem que primeiro trouxe o Adventismo para a Europa.

36

PÁGINA DA FAMÍLIA

Marta com coração de Maria

Duas irmãs fundidas numa só pessoa.

38

ESPAÇO UNIVERSITÁRIOS

Vai e prega!

É urgente pregar o Evangelho nas cidades. Deus precisa de ti!

40

HERÓIS DA BÍBLIA

Noé

Acompanha as aventuras de Noé ao serviço de Deus.

43

TESTEMUNHO

Um rebelde, uma revolta e um milagre

Os estranhos caminhos da providência de Deus.

46

TEOLOGIA

As boas-novas do juízo pré-Advento

A importância do Juízo que está em curso no Céu desde 1844.





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

Crer e servir, hoje!

À medida que navegamos pelos desafios e pelas oportunidades do século XXI, é essencial reafirmarmos a nossa identidade como Adventistas do Sétimo Dia e a nossa missão de proclamarmos a esperança que temos em Cristo. Em Portugal, como em todo o mundo, somos chamados a sermos uma luz, partilhando o amor de Deus e a mensagem do Evangelho com um mundo que anseia por esperança e significado.

A identidade Adventista está profundamente enraizada nas nossas crenças fundamentais e nos nossos valores distintivos. Acreditamos na autoridade das Escrituras Sagradas como Palavra inspirada de Deus e na salvação pela graça, mediante a fé em Jesus Cristo. Somos um povo de esperança, aguardando com expectativa o retorno glorioso do nosso Senhor e Salvador. Além disso, valorizamos o cuidado com o corpo, com a mente e com o espírito, promovendo um estilo de vida saudável e equilibrado.

No entanto, a nossa identidade não se limita apenas a crenças teológicas; também se manifesta na nossa missão de serviço e de amor ao próximo. Como Adventistas, somos chamados a vivermos o Evangelho na nossa Comunidade, procurando ativamente servir e impactar positivamente a vida daqueles que nos rodeiam. Isso inclui a promoção da justiça social, o cuidado com os necessitados e o testemunho de uma vida transformada pelo poder de Cristo.

Face aos desafios e às mudanças da Sociedade contemporânea, é crucial que permaneçamos fiéis à nossa identidade e à nossa missão como Adventistas em Portugal. Isso significa permanecermos firmes nas nossas convicções, enquanto nos adaptamos criativamente às necessidades e aos contextos em constante mudança ao nosso redor. Devemos ser uma Igreja relevante e vibrante, capaz de alcançar pessoas em todos os segmentos da Sociedade, comunicando a mensagem eterna do Evangelho de uma forma que ecoe as realidades e as aspirações do nosso tempo.

À medida que avançamos juntos como uma família de fé, encorajamos cada Adventista em Portugal a abraçar plenamente a nossa identidade e a nossa missão, comprometendo-se a viver de acordo com os princípios do Evangelho e a partilhar a esperança que temos em Cristo com aqueles que nos rodeiam. Que possamos ser conhecidos não apenas pelas nossas crenças, mas também pelo nosso amor, pela nossa compaixão e pelo nosso serviço desinteressado em favor dos outros.

“Com isto olhei mais para o alto e vi um caminho reto e estreito, levantado num lugar elevado do mundo. O povo do Advento estava nesse caminho, a viajar para a cidade que se achava na sua extremidade mais afastada.”¹ Quer também lá estar?

¹
Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, p. 14.



Hernâni Moura
Pastor

Esta vida de emigrante!

A emigração e os desafios culturais, sociais e eclesiais de um mundo sem fronteiras...

O Dicionário define “emigração” como: 1. Ato ou efeito de emigrar; 2. Saída voluntária do local onde se vive para se estabelecer noutra; 3. Conjunto de pessoas que emigram.¹

Sim, é verdade! Nestes últimos anos, temos visto crescer rapidamente a quantidade de pessoas de outros países que decidem vir morar e trabalhar em Portugal. Também eu sou uma dessas pessoas. Há muito tempo decidi vir para este lindo país. Por isso, para mim, falar sobre emigração é falar sobre a minha vida. Vivo em Portugal há mais de 20 anos. Sou casado com uma bela alentejana e tenho duas filhas. Uma nasceu em França, quando lá estivemos a estudar, e a outra nasceu na Ilha de São Miguel, no lindo Arquipélago dos Açores, quando lá estivemos a trabalhar. Já viram o problema que temos de gerir aqui em casa, se

cada um decidir que quer ir de férias para visitar o lugar onde nasceu?!

Eu, particularmente, nasci no Estado do Paraná, na região sul do Brasil. Não nasci somente numa família bem brasileira, mas numa família composta de emigrantes. Os meus bisavós por parte de pai nasceram em Itália. Por parte de mãe, a minha avó era oriunda da Itália e o meu avô nasceu na Síria. Conseguem imaginar a mistura de sangue que para aqui vai?

Nas minhas reflexões pessoais, já me apanhei a pensar se, talvez, não serei descendente dos soldados romanos que prenderam e crucificaram Jesus, ou se, talvez, não serei descendente do centurião Cornélio, da coorte italiana segundo Atos 10, que recebeu o Espírito Santo e foi batizado por Pedro. Da parte do meu avô sírio, fico a pensar se serei descendente de Ben-Hadade,



rei sírio que era inimigo de Israel nos tempos do rei Acabe (I Reis 20) ou se serei descendente de Naamã, que, nos tempos de Eliseu, se tornou adorador do Deus verdadeiro (II Reis 5).

Em todas as nações existem pessoas boas e pessoas más. Pessoas que decidem os seus próprios caminhos e pessoas que entregam a vida aos cuidados de Deus. Mais ainda! É interessante pensar que existem pessoas que, por terem entregado a vida aos cuidados de Deus, passaram a ser emigrantes. Por exemplo, o pai da fé, Abraão. Foi o próprio Deus que o chamou e lhe disse para sair da sua terra e da sua parentela (Génesis 12), de modo a ir para outra terra que o Senhor lhe mostraria. Depois, já estando nesta terra, vai emigrar para o Egito durante o tempo de fome em Canaã, onde vai passar por dificuldades, dado que não conhecia as pessoas e a Cultura local.

Vemos assim que a dificuldade em compreender e em se adaptar à Cultura está envolta no medo de ser mal-compreendido e de receber algum tipo de penalidade por isso. Mas não deixa de ser um apelo à reflexão o facto de Deus o ter convidado a sair da sua terra, ficar longe da Cultura e da Sociedade que conhecia e ir para outras totalmente desconhecidas.

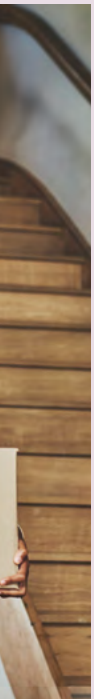
O bisneto de Abraão, José, também foi viver forçadamente para outra terra, o Egito, e foi lá utilizado por Deus para abençoar não só o povo egípcio, mas a sua própria gente.

Num outro caso bíblico, pensemos na emigração forçada que todo o povo de Israel teve de viver ao ir como escravo para a Babilónia. Entre eles,

É interessante pensar que existem pessoas que, por terem entregado a vida aos cuidados de Deus, passaram a ser emigrantes.

Daniel. Este jovem foi utilizado por Deus para abençoar a nação dos Caldeus com o conhecimento do Deus misericordioso, conhecedor do futuro e Soberano sobre todas as nações. É interessante pensarmos que não só Daniel e os seus três amigos foram levados para Babilónia, mas também – diz a Bíblia – permaneceram fiéis diante dos desafios da nova Sociedade onde viviam. Este facto mostra que não é a nacionalidade, ou a raça, que mostra quem eu sou de verdade, mas, sim, o carácter. Este é que revela quem somos verdadeiramente.

Com Daniel, aprendo a respeitar a Cultura onde estou e, ao mesmo tempo, a preservar a minha identidade. Ainda me lembro de um dia, na Faculdade, quando um amigo português, que realmente me respeitava e me queria bem, disse, sem maldade no coração, que, para eu ser “Português”, só faltava falar como ele. Respondi que, por minha vontade, isso não iria acontecer. Não por não querer ter o sotaque português, que acho particularmente belo, nobre e solene, mas por ser uma questão de identidade. O meu sotaque representa a minha mais pro-



funda identidade. Estou consciente de que já absorvi muito do vocabulário e dos costumes da cultura portuguesa na minha vida, mas fi-lo voluntariamente. Não por não querer ser diferente, mas para que a mensagem do Evangelho pudesse chegar, através de mim, aos Portugueses com quem o Senhor me deu o privilégio de fazer a caminhada da vida.

Fico triste quando ouço alguém dizer: “Lá na minha terra é que era bom! Lá na minha igreja é que se fazia melhor!” Para mim, isso é sinal de que a pessoa não está aqui comigo, pois este é o país onde vivo e esta é a Igreja que frequento. Percebo que, para alguns, é difícil fazer o luto da perda de se poder estar no país onde sempre se viveu, mas, se quisermos ser felizes onde estamos, temos de aceitar a realidade e de viver o presente estado das coisas, acreditando que Deus está no controlo.

Sobre a emigração, acho importante lembrar que, dentro da identidade Adventista que temos enquanto Movimento, o cuidado pelo estrangeiro faz parte do mandamento dado por Deus que mais zelo temos em pregar. Deus diz, em Êxodo 20:8-11, no con-

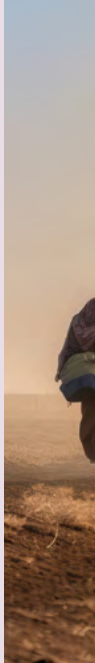
Será que Deus quer ensinar-nos, ao convivermos com estrangeiros, a estarmos abertos a aceitá-l’O, o mais Estrangeiro de todos nesta Terra?

texto do mandamento sobre a guarda do Sábado, que o forasteiro que estivesse com o povo de Deus também tinha direito ao descanso sabático. Lá está! O Deus que mandou o Homem encher e povoar a Terra, em Génesis 1, que sabe da missão dada ao Seu povo de apresentar o Seu caráter de amor ao mundo (Apocalipse 14, 18), relembramos de que todos os homens e todas as mulheres são convidados a aceitarem a Sua salvação e a serem fiéis ao Senhor.

O nosso Mestre Jesus não era desta nossa “Terra”. Veio de uma outra *terra*; neste caso, do lugar da morada de Deus. Podemos dizer que a emigração de Deus, na encarnação de Cristo, não foi para um país melhor, e, sim, em missão, para este lugar em péssimas condições, devido ao pecado. Viveu a solidão de um emigrante, ao não ser compreendido numa outra Sociedade, numa outra Cultura, que não as da Sua origem.

Portanto, quando, enquanto Cristãos, queremos falar de emigração, não deveríamos ser dirigidos pela opinião deste ou daquele, mas sim pela fonte da história humana mais fiável que temos – a Bíblia. E nela percebemos que a emigração faz parte do mundo e da vida do ser humano desde sempre. Às vezes, esta emigração acontece por escolha própria; outras vezes, por imposição dos poderes dominantes; e, por vezes, por influência do próprio Deus.

Será que, quando alguém está numa posição vulnerável noutra país (e esta é a situação do emigrante), o seu coração se torna mais apto a reconhecer a necessidade de ajuda e está mais aberto à influência divina?





Será que Deus quer ensinar-nos, ao convivemos com estrangeiros, a estarmos abertos a aceitá-los, o mais Estrangeiro de todos nesta Terra?

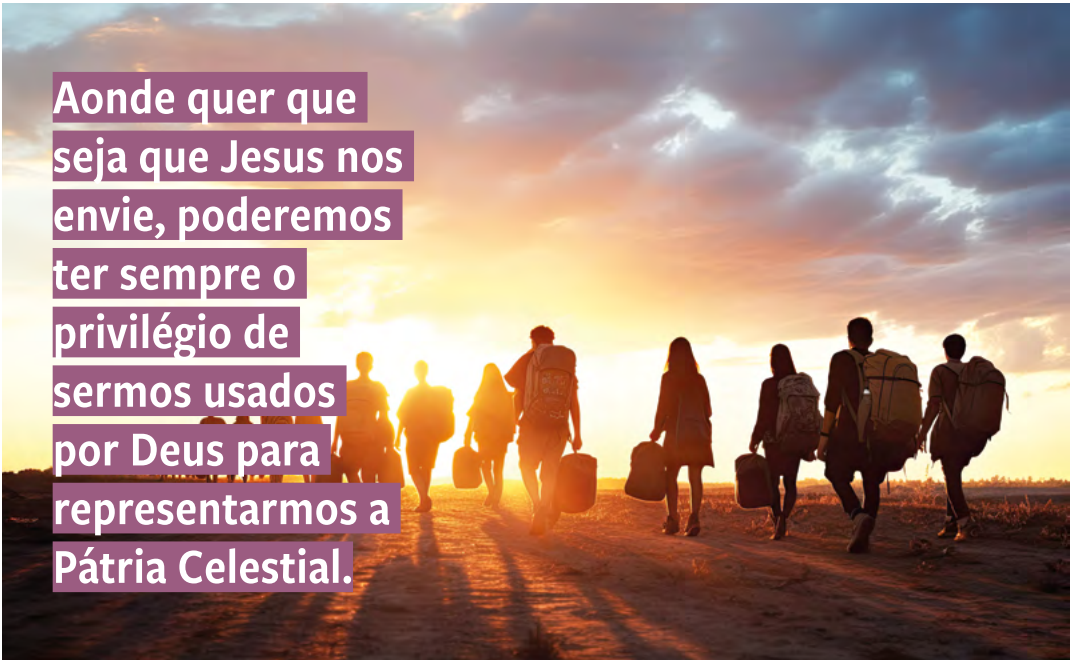
No derramamento do Espírito Santo no Dia de Pentecostes, há uma mensagem que é ouvida em cada uma das línguas das nações presentes. “Partos e medas, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, e Judeia, e Capadócia, Ponto e Ásia. E Frígia e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, Cretenses e árabes...” (Atos 2:9-11, *ARC.*) Na verdade, a pregação do Evangelho no princípio da Igreja foi direcionada a todos os que permitiram que o Espírito Santo lhes falasse.

Sabemos, enquanto Cristãos Adventistas, que a pregação do Evangelho será terminada no mundo com a mesma manifestação de poder do Espírito Santo. Já pararam para pensar que podemos ser usados por Deus, como no Pentecostes, para pregar o Evangelho a alguém de outra nação e esta pessoa

levar essa mensagem até ao seu país de origem? O primeiro pioneiro Adventista não oficial, Michael Czechowski, um antigo Padre Católico originário da Polónia, e que ouviu a mensagem Adventista na América, foi, por sua escolha, levar a mensagem à Europa, o seu Continente de origem.

Logo no princípio da Igreja Cristã, Estêvão, um dos sete diáconos ordenados, que era um Judeu helenista de nascimento, no seu último sermão diz que Deus aparece a Abraão na Mesopotâmia, que Deus estava com José no Egito, que Deus apareceu a Moisés no Monte Sinai, e, depois, a Israel no mesmo Monte, e termina mostrando que Deus não tem limitações de espaço, pois está em todo o lugar. Naturalmente, foi apedrejado por aqueles que queriam manter o poder religioso sobre o povo e que não aceitavam que o Judaísmo fosse transformado em Cristianismo (Atos 7).

Como emigrante, é difícil ouvir alguém dizer: “Volta para a tua terra, ó...” Uma vez ouvi isto de um jovem



Aonde quer que
seja que Jesus nos
envie, poderemos
ter sempre o
privilégio de
sermos usados
por Deus para
representarmos a
Pátria Celestial.

de etnia cigana... Percebo assim que o incómodo causado pelo estrangeiro afeta todos. Por outro lado, como faço parte deste grupo de emigrantes, às vezes fico triste por ouvir e ver certos comportamentos. Não deixo de ter vergonha quando alguém com as mesmas origens que eu faz algo de errado. Acho que tem a ver com a solidariedade social, que, conscientemente ou não, todos temos quando se trata do povo das nossas origens.

Por outro lado, percebo que a nossa nação portuguesa (e digo “nossa”, porque é assim que vivo e sinto), terra de conquistadores, é um povo valente que também emigrou para novas oportunidades em várias partes do mundo. Quando estava a estudar em França, conheci muitos que trabalhavam duramente para ter a simples alegria de passar férias em Portugal.

Mas, para sermos felizes fora do nosso país, temos de ter mais do que

o pensamento de voltar um dia para passar férias. Temos de pedir a Deus que nos dê amor pela terra e pelo povo onde estamos.

Diante do chamado de Deus para irmos pregar o Evangelho, alguns hoje estão a responder: “Eu vou!”

No passado, percebemos, ao ouvir as suas histórias, que muitos puderam dizer: “Eu fui!”

Esperamos que, no futuro, seguros na certeza da nossa identidade de cidadãos do Reino Celeste, muitos possam dizer: “Eu irei!”

Aonde quer que seja que Jesus nos envie, aonde quer que seja que as circunstâncias da vida nos levarem, poderemos ter sempre o privilégio de sermos usados por Deus para representarmos essa Pátria. Pátria esta onde não importa a nacionalidade, mas sim o carácter!

1

<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/emigra%C3%A7%C3%A3o>, Porto Editora, 29/02/2024.



—
João Daniel Faustino
*Departamento de Educação
da UPASD*



Educação Adventista

Uma parceria de sucesso

“O objetivo da Educação Adventista é desenvolver pessoas na sua totalidade, para todo o período de existência a que têm acesso, tanto neste mundo, como no porvir.” – George R. Knight, *Educar para a Eternidade*, p. 64, ed. P. SerVir.

A parceria entre família, igreja e escola na Educação Adventista é reconhecida como um dos principais pilares para o sucesso na educação e para o desenvolvimento integral das crianças e dos jovens, num objetivo comum: “Educar as nossas crianças e os nossos jovens para a Eternidade.”

A Educação Adventista é um sistema de educação com base nos valores cristãos da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ela promove uma abordagem integral para o desenvolvimento dos alunos, integrando valores morais e éticos no seu currículo acadêmico.

Uma das características distintivas da Educação Adventista é o conceito de escola em tempo inteiro, que oferece não apenas ensino acadêmico, mas também cuidado e orientação aos alunos durante todo o dia.

A excelência acadêmica é um foco importante nas escolas Adventistas, procurando-se proporcionar aos alunos uma educação de alta qualidade que os prepare para o sucesso futuro. Isso inclui não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também o crescimento pessoal, social e espiritual.

Além disso, as escolas Adventistas enfatizam a importância de uma alimentação saudável como parte integrante do desenvolvimento integral dos seus alunos. Elas oferecem refeições equilibradas e nutritivas, incentivando hábitos alimentares saudáveis desde cedo.

O acompanhamento personalizado é uma característica-chave das escolas Adventistas, onde os educadores se esforçam para conhecer cada aluno individualmente, entender as suas necessidades e oferecer suporte personalizado para o seu crescimento e desenvolvimento. Isso pode incluir orientação acadêmica, aconselhamento emocional e apoio espiritual.

No geral, a Educação Adventista busca proporcionar uma experiência educacional completa, que desenvolvesse a intelectualidade dos alunos, mas que também promova valores cristãos, saúde física e bem-estar emocional.

“Deve antes ser nosso objetivo adquirir conhecimento e sabedoria para que possamos tornar-nos melhores Cristãos, e estar preparados para maior utilidade, prestando serviço mais fiel ao nosso Criador, e levando outros também a glorificarem Deus pelo nosso exemplo e pela nossa influência. Eis aí alguma coisa real, alguma coisa tangível, não meramente palavras, mas ações. Não somente as afeições do coração, mas o serviço da vida também deve ser dedicado ao Criador. Fazer com que o Homem volte à harmonia com Deus, de maneira a elevar e enobrecer a sua natureza moral, a fim de que ele de novo possa refletir a imagem do Criador, é o grande propósito de toda a Educação e disciplina da vida.” – Ellen G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 40. É por isso que dizemos que a Educação Adventista é uma parceria de sucesso.

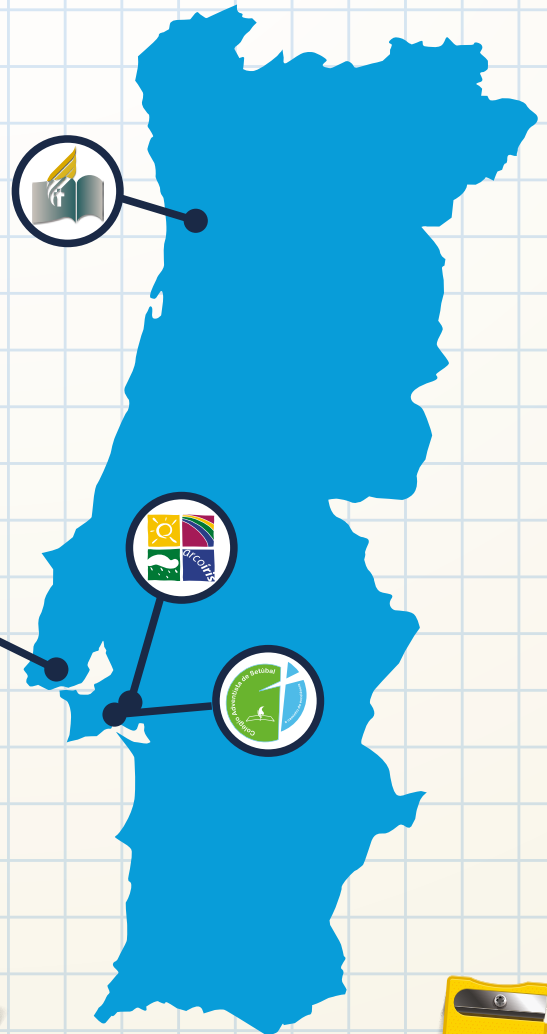
O Departamento de Educação da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia é responsável por dis-

ponibilizar e administrar um sistema de educação e recursos de educação alicerçados numa filosofia educativa baseada nas Sagradas Escrituras e nos escritos de Ellen G. White. Está disponível para apoiar as igrejas locais no desenvolvimento da filosofia Adventista de educação e conta com a colaboração dos Secretários de Educação, nomeados por cada igreja local, que são o seu elo preferencial de ligação.

A Educação Adventista conta com uma rede mundial de escolas, que é a segunda maior rede cristã. É composta, neste momento, por 9489 escolas, 11 360 professores e educadores e 2 044 709 alunos, cujo coração é tocado cada dia por Jesus. Em Portugal, existem cinco escolas, 47 professores e educadores e 385 alunos, que, dia após dia, vivem a esperança da salvação.

Em Portugal, a nossa rede de escolas está dividida por quatro cidades e três regiões. As cinco escolas da nossa rede são:

- O **Colégio Adventista de Oliveira do Douro (CAOD)**, que se encontra na zona norte do país e serve as crianças desde o Pré-Escolar até ao 9º ano de escolaridade.
- Em Setúbal, servimos as crianças desde o Berçário até ao 4º ano de escolaridade, na **Creche e Jardim de Infância Arco Íris** e no **Colégio Adventista de Setúbal (CAS)**.
- O **Colégio de Talentos (CTL)**, em Lisboa, serve as crianças desde a Creche até ao 4º ano de escolaridade.



- Na Ilha da Madeira, temos o **Externato Adventista do Funchal (EAF)**, que serve as crianças do Pré-Escolar até ao 4º ano de escolaridade.

A nossa rede nacional de escolas não existe para obter lucro com a sua atividade; existe, sim, para servir toda a Comunidade, em especial as crianças e os jovens da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Para tornar possível a sua atividade diária, os nossos professores e educadores, incluindo todos os técnicos, entregam-se cada dia a Jesus, para que a Sua presença se faça sentir em cada ação.

A Educação Adventista permanece relevante nos dias de hoje, adaptando-se às necessidades em constante mudança, mas mantendo-se firme nos seus princípios e valores fundamentais, num mundo onde a contaminação moral e as influências corruptas não são muito diferentes das que nos falou Ellen G. White há já cento e vinte anos.

“Folgo em que tenhamos Instituições em que eles podem estar separados das influências corruptoras tão comuns nas escolas da atualidade. Os nossos irmãos e as nossas irmãs devem ser gratos porque, na providência de Deus, foram estabelecidos os nossos colégios, e devem estar prontos para os sustentar com os seus meios. Toda a influência deve ser encaminhada a educar os jovens e a elevar a sua moral. Devem eles ser ensinados a ter coragem para resistir à onda da contaminação moral desta era degenerada. Com firme apego ao poder divino, podem eles estar na Sociedade para moldá-la e dar-lhe

forma, em vez de serem moldados segundo o modelo mundano.” – Ellen G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 38.

Somos por isso aconselhados e motivados enquanto Igreja, e nas nossas igrejas locais, a criarmos, desenvolvermos ou apoiarmos esta obra tão importante para a salvação das nossas crianças e dos nossos jovens.

“Deve a Igreja compenetrar-se da situação e, pela sua influência e pelos seus meios, procurar conseguir este tão desejado objetivo. Que se crie, por meio de generosas contribuições, um fundo para o estabelecimento de escolas destinadas ao desenvolvimento da obra educativa. Necessitamos de homens bem preparados, bem-educados, para trabalharem pelos interesses das igrejas.” – Ellen G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 36.

Como eu costumo dizer, qualquer escola no nosso país, melhor ou pior, ensinará Matemática, História, Português e Ciências; mas apenas as escolas Adventistas ensinarão os nossos filhos sobre Jesus, os Seus valores e os Seus princípios. Assim, se tem filhos e vive perto de uma escola Adventista, não hesite! Esta será a melhor escola para o seu filho. Se tem netos em idade escolar que vivem perto de uma escola Adventista, não hesite! Essa será a melhor escola para os seus netos. Podemos e devemos apoiar este tão importante ministério, contribuindo com as nossas orações e com os nossos recursos.

A Educação Adventista em Portugal educa crianças para a eternidade há 89 anos. Até aqui nos ajudou o Senhor!



Marcos Osório
Arqueólogo



RádioRCS
91.2 fm



radiorcs.novotempo.pt/podcasts/gravado-na-pedra



GRAVADO NA PEDRA

O achado de um antigo barco do Mar da Galileia

Em 1986, uma grave seca, que assolou Israel e provocou uma redução da costa máxima do Mar da Galileia, possibilitou um achado arqueológico muito invulgar nas suas margens expostas.

Dois irmãos pescadores, de nome Moshe e Yuval Lufan, costumavam explorar o leito do lago, nas horas livres, à procura de vestígios valiosos. E, perto da sua aldeia, o Kibutz *Ginnosar* (a aldeia de Genesaré referida na Bíblia), na costa oeste, encontraram alguns pregos de ferro antigos, onde um trator preso na lama tinha revolvido algumas moedas e alguns artefactos de bronze, e descobriram o contorno oval de uma estrutura de madeira, inteiramente enterrada na lama.

Eles andavam empenhados em fazer um grande achado arqueológico no lago onde os seus antepassados tinham ganhado sustento na pesca e sempre acalentaram a esperança de, um dia, descobrir um barco neste local.

Como em Israel é obrigatório chamar a entidade que tutela o património arqueológico, sempre que alguém se depara com um achado antigo, os irmãos relataram a sua descoberta às Autoridades, que enviaram imediatamente uma equipa de arqueólogos ao local para investigar a ocorrência.

Os técnicos perceberam logo que se tratava dos restos de um barco de pesca de grande interesse histórico e foi então planeada uma escavação arqueológica de emergência, antes de as águas voltarem a subir, conduzida pela Autoridade das Antiguidades de Israel, com a ajuda de voluntários residentes em *Ginnosar*.



Figura 1

Mal se soube destas escavações no lago, espalhou-se o rumor entre a população de que o barco estava cheio de ouro e a escavação passou a ser vigiada por seguranças, de dia e de noite.

A madeira antiga do barco encontrava-se extremamente frágil e corria o risco de se desintegrar. Por isso, realizou-se uma cuidadosa escavação da estrutura enfiada na lama, durante 12 dias seguidos, sem a danificar. Foi um processo moroso que permitiu colocar o antigo barco completamente à vista.

A embarcação media nove metros de comprimento, por 2,5 metros de largura, e tinha uma altura superior a um metro. Era construída com tábuas de madeira, habilmente unidas por meio de juntas e fixadas com pregos, empregando distintas variedades de madeira: Cedro, olaia, salgueiro, carvalho-de-Sodoma e pinheiro-de-Alepo. Esta diversidade de recursos sugere a escassez de matéria-prima e indica

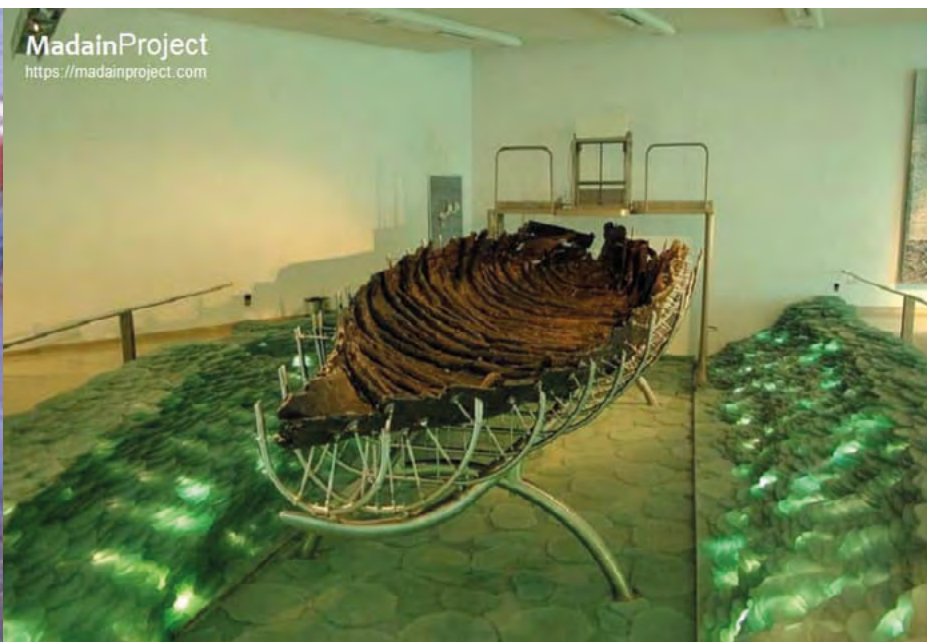


Figura 2

que o barco sofreu inúmeras reparações durante décadas de utilização, talvez quase um século.

Ao constatarem que a embarcação não tinha mais conserto, os seus antigos proprietários removeram as partes de madeira que se aproveitavam, nomeadamente o mastro e o convés. Em seguida, lançaram o casco ao lago, onde acabou por se afundar com o tempo, ficando rapidamente coberto de sedimentos. Esta camada de lama, por sua vez, exerceu um papel crucial, impedindo a decomposição bacteriana da estrutura.

A embarcação era movida a remos, acomodando quatro remadores em simultâneo. Além disso, também teria um mastro que permitia navegar à vela, presumivelmente de formato quadrangular, nos dias em que soprava o vento.

O fundo do barco era quase plano, possibilitando que se aproximasse da costa durante as atividades piscatórias, não encalhando nos baixios de um lago

Fig. 1 – Trabalhos arqueológicos a decorrer nos restos do barco encontrado no Mar da Galileia (©Madainproject.com/boat_of_jesus).

Fig. 2 – A embarcação restaurada e exposta no Museu de Yigal Allon (©Archaeology.wiki/blog/agenta/sea-galilee-boat).

pouco profundo. Embora a embarcação possa ter funcionado como uma balsa, as suas dimensões adequam-se às das embarcações usadas por pescadores com redes de cerco ou de arrasto, “lançadas ao mar”, conforme a técnica de pesca descrita na passagem bíblica do Evangelho de João 21:6.

O barco foi primitivamente calafetado com betume, uma substância densa e viscosa usada para revestir as embarcações, obtida a partir de alcatrão. A fonte mais próxima deste tipo de matéria, em estado natural, ficava a 120km para sul, junto ao Mar Morto. Este recurso era já bem co-

nhecido dos Romanos, por isso denominaram essa extensão de água como *Palus Asphaltites*.

A embarcação deve ter sido construída junto da povoação de Magdala, a poucos metros para sul do local da descoberta, que, na época romana, era uma aldeia ligada à pesca, à indústria de salga de peixe e à construção naval. Provavelmente, o barco terá sido construído para os membros de uma família judaica de pescadores que viveria nalgum dos povoados existentes nas margens do lago.

O estado incompleto do barco não diminui o seu valor como relíquia histórica, pois nunca uma antiga embarcação israelita tinha sido encontrada quase completa e em tão bom estado de conservação. A sua técnica construtiva e a sua morfologia estavam em conformidade com os barcos que navegaram no Mediterrâneo Oriental, desde o II milénio a.C. até ao fim do período romano. Mas, até aqui, somente as referências dos autores clássicos e alguns desenhos nos proporcionavam informações sobre este tipo de embarcações de pesca e de carga da Galileia.

Entre eles, destaca-se o mosaico, desenterrado há 50 anos, num edifício romano situado na própria aldeia galileia de Magdala, com tesselas de três cores, que retrata um barco provido de um mastro para vela, com quatro remos, além de um outro na popa, para leme do timoneiro. Ou os grafitos de barcos descobertos no interior das catacumbas romanas da cidade israelita de Beth-She'arim, na costa mediterrânica, com convés e quilhas curvas, da

proa à popa, ostentando mastros com grandes velas triangulares e dois remos.

Com base nas análises por radiocarbono, o barco foi datado em torno do ano 40 d.C., o que bate certo com a técnica de construção do casco e coincide com a cronologia dos materiais que estavam no interior da embarcação, nomeadamente uma panela e uma lamparina de cerâmica.

A descoberta de um barco desta cronologia no Mar da Galileia abalou todo o mundo arqueológico e religioso do Próximo Oriente, sendo um achado historicamente importante para os Judeus, exemplificando o tipo de barco usado pelos seus ancestrais na pesca e no transporte de mercadorias.

As fontes textuais do *Talmude* indicam que, no primeiro século da nossa Era, existia intenso tráfego marítimo no lago *Kinneret*, como era designado popularmente durante o período romano-bizantino – um facto apoiado pelos inúmeros portos construídos ao redor do lago, naquela época.

Mas, a descoberta do barco foi, sobretudo, importante para os Cristãos, porque tornou-se na evidência mais tangível da classe de barcos usada por Jesus e pelos Seus discípulos, alguns deles pescadores. Grande parte do ministério de Jesus decorreu nas margens deste lago, em contacto com as comunidades piscatórias locais, e a navegação marítima e a pesca desempenharam um papel importante nos Evangelhos, onde se assinalam 50 menções a barcos e a redes no contexto do Mar da Galileia.

São bem conhecidos alguns episódios de Jesus nestas embarcações,



Fig. 3 – Barco representado no mosaico de Magdala (©Madainproject.com/boat_of_jesus).

proferindo discursos para a multidão enquanto estava a bordo (Marcos 4:1; Lucas 5:3), dormindo na popa e acalmado a tempestade (Mateus 8:24; Marcos 4:35; Lucas 8:23), caminhando sobre as águas até ao barco (Mateus 14:24; Marcos 6:47) ou promovendo pescas milagrosas (Lucas 5:4; João 21:6).

Contudo, temos de ter consciência de que, para além da cronologia deste achado ser coincidente, não há qualquer indício arqueológico que estabeleça uma ligação inequívoca entre o barco e os discípulos de Jesus, e que jamais obteremos provas de que o Mestre Se tenha sentado nesta embarcação. Não obstante, é razoável conjecturar que Ele tenha testemunhado numerosas embarcações análogas a esta, desenvolvendo as suas atividades piscatórias nas águas do lago.

Os restos do barco milenar foram retirados da margem do lago envoltos num manto de fibra de vidro e de espuma isolante, o que ajudou a mantê-lo coeso e a transportá-lo para o seu novo local, sem se desfazer. Foi então submerso num banho de cera especial, que o protegeu. E esteve assim durante 12 anos, até que foi exposto de novo ao público no atual Museu de Yigal Allon, em *Ginnosar*.

Bibliografia

- WACHSMANN, Shelley (1986-1987) - "The Excavation of the Kinneret Boat". *Bulletin of the Anglo-Israel Archaeological Society*, 6, pp. 50-52.
- WACHSMANN, Shelley (ed.) (1990) - "The Excavations of

an Ancient Boat from the Sea of Galilee (Lake Kinneret)". *Atiqot*. 19. Jerusalem: The Israel Antiquities Authority.

LOFENFELD, Lea; FRENKEL, Ramit (2007) - *The Boat and the Sea of Galilee: An Archaeological Glimpse Into the World of Jesus*. Gefen Publishing House, 2007.



RádioRCS
91.2 fm



[radiorcs.novotempo.pt/
podcasts/olha-o-que-eu-vi](http://radiorcs.novotempo.pt/podcasts/olha-o-que-eu-vi)

Resoluções importantes

Olá, eu sou a Ana, e OLHA O QUE EU VI...

Um beijinho para ti que me lês e partilhas as minhas aventuras. Hoje gostava de te contar algumas coisas que vi nos últimos tempos. Há algumas semanas, andava eu de comboio e deparei-me com uma das revisoras da CP com um coração de ouro. Ela esperava que toda a gente conseguisse entrar no comboio. E olha que nós íamos mesmo como sardinhas enlatadas. Quase não havia espaço para respirar dentro da carruagem; mas, ainda assim, a senhora Cátia (sim, deco-rei o seu nome) deixava que toda a gente tivesse a oportunidade de entrar no comboio. E ela veio depois ao meu lado, encurralada, pois não conseguia sair dali. Ela disse-me que aquilo que faz pelos outros é aquilo que gostaria que fizessem por ela. E sabes, este sentimento de empatia que ela tem para com os outros foi algo que me levou a refletir bastante, principalmente porque tenho andado a

pensar se estou a cumprir as resoluções que estabeleci para 2024. Será que não seria de melhor proveito para nós conseguirmos ser pessoas mais empáticas? Pessoas que se colocam nos sapatos dos outros? Pessoas que, mesmo diante de problemas que não são seus, conseguem identificar-se, apoiar e suportar os outros? E sabes que isto podia continuar por aqui, mas a realidade é que, uns dias depois, na mesma linha de comboio, eu estava com o meu marido. Ele não tinha bilhete, pelo que decidimos comprar o bilhete dentro do comboio, pois a bilheteira estava fechada. E foi interessante, porque vimos o revisor, dissemos-lhe que não tínhamos bilhete e que queríamos comprar um e ele, simplesmente, não cobrou nada. Disse-nos que era normal. Que, às vezes, há pressa e que, quando as bilheteiras estão fechadas, não se consegue comprar um bilhete. Mas ele, ain-

da assim, perguntou: “Vão até à estação final?” Nós respondemos que sim, e ele disse: “Então não precisam de comprar bilhete, não se preocupem.”

Foi um pequenino gesto – e não era o caso que não conseguíssemos comprar o bilhete –, mas foi um gesto de alguém que nos viu carregados de malas, porque íamos de viagem, e conseguiu pôr-se no nosso lugar, perceber as aflições do stresse do dia-a-dia que estávamos a viver naquele momento em particular. E, simplesmente, foi simpático e muito empático connosco. Na verdade, muitas vezes também temos oportunidade de ser assim. De sermos pessoas empáticas, simpáticas, pessoas que se disponibilizam, pessoas que querem estar ao lado dos outros, independentemente dos problemas, independentemente da situação. Simplesmente querem estar lá a apoiar. E por isso, neste dia, pensei que, mesmo se mantenho os meus objetivos e sonhos para este ano, acima de tudo o que quero mesmo é ser mais empática com os outros. O que te parece? Pois nós é que ficamos a ganhar. Porque quando “fazemos o bem sem olhar a quem”, como diz o provérbio, a verdade é que saímos sempre a ganhar. Pois sentimo-nos realizados, sentimo-nos satisfeitos, mais preenchidos, parece que algo diferente acontece em nós. A viagem de comboio com a senhora Cátia, que não foi muito longa, e a viagem de comboio com o simpático revisor, de quem, infelizmente, nem o nome sei, foram viagens que me deram muito mais prazer, apesar de não ter lugar sentada e de ir carregada. Senti-me bem ali, apenas porque percebi que, apesar das cir-

**Porque quando
“fazemos o bem sem
olhar a quem”, como
diz o provérbio, a
verdade é que saímos
sempre a ganhar.**

cunstâncias, estava ali alguém que me apoiava. O desafio que te quero deixar, apesar das circunstâncias que possas viver, apesar de todas as viagens, mesmo as turbulentas, e sejam quais foram as experiências que vais viver, é que tudo isso te ajude a crescer e que seja uma oportunidade para seres um apoio e uma bênção para as pessoas que estão à tua volta ou que se cruzarem contigo. Aquilo que vemos influencia-nos e, por isso, aquilo que os outros veem através de nós também. E quem sabe se aquilo que outros verão através de ti não será um contributo para que se tornem eles, também, naquilo que lutas para te tornares. Uma pessoa mais empática, uma pessoa mais feliz, uma pessoa que se preocupa com os outros, uma pessoa que está disposta a ajudar. E já viste como é possível uma simples viagem de comboio fazer-me pensar tanto?! Mas a realidade é que estamos a viver num mundo em que a empatia parece cada vez mais rara, pelo que temos de marcar essa diferença. Temos de desejar fazer a diferença. Por isso, o meu desafio é este: Estarmos mais atentos e sermos mais empáticos. Bom, fico por aqui, hoje, mas, se Deus quiser, vou continuar a partilhar as minhas aventuras contigo.

Por hoje, foi isto que eu vi. Até à próxima!



Eurico Correia

Entrevistado por Ezequiel Duarte

ED: Olá, Eurico! Obrigado por teres aceiteado este convite para falarmos um pouco sobre o teu percurso. Tens duas responsabilidades muito grandes. Uma delas é seres Professor na Faculdade Adventista de Teologia, em França. A outra é seres também o Presidente do CELP. Mas, antes de abordarmos estas vertentes do teu ministério, gostava que falas-

ses um pouco sobre a tua infância. Tu nasceste em Cabo Verde, em 1982. Como é que foi a tua infância em Cabo Verde, na Achada de Santo António?

EC: A minha infância não tem nada de particular. Nascer em Cabo Verde quer dizer que tu estás numa família simples, com muitas crianças. Eu lembro-me da minha infância, numa casa pequena, com o meu pai e a minha mãe e muitas crianças.

ED: Na tua infância, já havia alguma formação no âmbito da espiritualidade, alguma religião fazia parte do dia-a-dia?

EC: A minha mãe era Católica, o meu pai não tinha religião. A minha mãe falava em Deus, mas eu não me lembro de ter tido qualquer momento em que ela parasse para nos ensinar alguma coisa sobre Deus ou para estudar a Bíblia. O meu primeiro contacto com a Bíblia foi apenas no fim da adolescência.

ED: Mas tu gostavas de ler... Eras um bom aluno...?

EC: Olha, eu nunca me considerei um bom aluno, mas também nunca tive dificuldade na aprendizagem. Eu tinha facilidades para aprender, mas não era uma pessoa que se esforçava muito para aprender, mesmo porque estudar em Cabo Verde, na altura, era um desafio enorme, porque nós não víamos um livro. Eu terminei o 12º ano sem nunca ter lido um livro.

ED: Depois vens para Portugal para estudar Gestão, certo?

EC: Sim, eu vim para estudar Gestão. Comecei na Universidade Lusófona e depois terminei na Universidade dos Açores, mas foi sempre o curso de Gestão.

ED: Terminaste os teus estudos nos Açores e chegaste a trabalhar mesmo na área da Gestão ainda nos Açores, não é?

EC: Nos Açores, quando terminei de

estudar, trabalhei numa empresa que se chama *Norma Açores*, e que se dedica à consultadoria em Gestão. Trabalhei quase dois anos, até que surgiu o chamado para estudar Teologia.

ED: Estavas estável e a tua esposa também. Como é que surge esta mudança radical de ires estudar Teologia em Collonges?

EC: Desde que conheci a mensagem Adventista sempre estive envolvido nalgum Departamento da igreja e estive muito envolvido também em dar estudos bíblicos, em fazer visitação. A certa altura, senti que poderia ser mais útil dedicando-me 100% à obra de Deus.

ED: Como foram esses anos, entre 2012 e 2017, em que viveste em Collonges com toda a tua família?

EC: Fácil nunca é! Eu tinha a ilusão de saber falar o francês, mas, quando cheguei a Paris, compreendi que não percebia nada do que me diziam. Na sala de aula, era um desafio, porque eu não compreendia metade daquilo que os Professores diziam. A vantagem é que, de há uns anos para cá, eu leio regularmente sobre Teologia. Então, eu já tinha um certo vocabulário teológico que me permitiu perceber as coisas essenciais.

ED: Mas quem te conhece, diz que tu passavas muito tempo na biblioteca e que já eras um aluno que se destacava dos restantes, pelo menos ao nível das notas e da forma como vivias a parte académica da Faculdade.

EC: Quando tu percebes a tua ignorância, passas muito tempo na biblioteca. Eu acho que foi isso que me

**A certa altura, senti
que poderia ser mais
útil dedicando-me
100% à obra de Deus.**

aconteceu. Eu sempre achei que a sala de aulas introduz a pessoa ao assunto, é o primeiro contacto com o assunto; mas, se tu queres saber mesmo alguma coisa, tens de te dedicar a estudar.

ED: Terminas a tua Licenciatura e o teu Mestrado, regressas a Portugal, onde passas a ser Pastor em duas igrejas.

EC: Eu fui Pastor no Caniço e no Porto Santo de 2017 até 2022. Para mim foram anos de muita aprendizagem. Tenho saudades.

ED: Como surge o convite para seres Professor na Faculdade onde estudaste?

EC: Eu era Pastor de igreja e o convite surgiu. Mas esse convite não veio, assim, ao acaso. Vem depois de uma série de diálogos que eu tive com Deus. Eu estava com 40 anos e pensava que, se um dia tivesse de continuar a estudar, não seria aos 50 ou 60 anos. Procurei informações, contactei a Universidade de Andrews, contactei outras escolas, para saber o que era necessário para candidatar-me. E quando eu estava a fazer isso, recebi um telefonema para sondar a minha disponibilidade. Conversei com o Deão da Faculdade de Collonges. As hipóteses que ele me propôs eram exatamente criar as condições para eu continuar a estudar. Eu considerei isso como uma resposta de Deus.

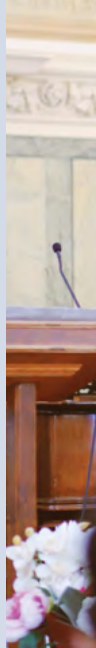
ED: Eurico, como é a tua rotina? Como é o teu dia-a-dia?

EC: Eu não sou um indivíduo que dorme muito. Então, o meu dia começa às cinco da manhã, com estudo, com preparação, com um momento familiar. Depois, começo as aulas às oito. A ma-

nhã é dedicada a isso. A tarde é dedicada à preparação de aulas, ao acompanhamento de alunos, a questões administrativas. Tenho ainda as Dissertações de Licenciatura e de Mestrado que também acompanho. Tenho as intervenções nas igrejas. Também preparo as pregações, as formações, à tarde. E também uso a tarde para dar estudos bíblicos. O fim de semana é passado na igreja.

ED: Tu és Professor de Teologia Sistemática. E a tua Tese de Doutoramento é também sobre este tema. Queres explicar um bocadinho no que consiste a Teologia Sistemática?

EC: Hoje, a Teologia tem vários domínios. Tem, pelo menos, sete grandes domínios. E a Teologia Sistemática é um dos domínios da Teologia. A Teologia Sistemática estuda grandes temas teológicos, como a Cristologia ou a Soteriologia. Dentro da Teologia Sistemática, nós podemos desenvolver várias vertentes. Podemos ir para uma vertente mais filosófica. Podemos ir para uma vertente mais bíblica. Podemos ir para uma vertente mais ética. Podemos ir para uma vertente mais histórica. A minha Tese de Doutoramento tem a ver com a parte da Soteriologia e da Cristologia. Eu interessei-me pela Teologia da Substituição dentro da tradição Adventista. Nós dizemos muito que Jesus morreu no nosso lugar. Mas isso é algo que atualmente tem sido contestado, mesmo por teólogos Adventistas. O que eu vou fazer é tentar ver essa discussão no seio do Adventismo, mas colocar os teólogos Adventistas em diálogo com dois outros teólogos. Um que é Protestante Luterano e um outro que é Católico. Um é





pela tese da Substituição, o outro é contra a tese da Substituição. Então vou ver como é que eles podem dialogar com o Adventismo e propor alguma coisa nesse sentido.

ED: És Presidente do CELP. Queres falar um pouco sobre o que é o CELP e sobre o que, este ano, ele está a preparar para Portugal?

EC: O CELP, Conselho Europeu de Língua Portuguesa, é um ministério de apoio às igrejas de língua portuguesa na Europa. Sendo um ministério de apoio, tudo é voluntário. Funciona com a boa-vontade de Pastores e de membros leigos. O objetivo é fomentar o evangelismo em todos os países da Europa onde haja uma presença de crenças lusófonas. Sejam Portugueses, Brasileiros ou de outros países de língua oficial portuguesa. O ministério CELP já existe há mais de 18 anos. Porque nós constatamos que existe uma necessidade. Os Adventistas que vêm de Portugal, do Brasil, chegam a um país

européu onde não sabem falar a língua. Não estão integrados na Igreja. Não participam. Pessoas que são muito ativas nas suas igrejas de origem, quando chegam à igreja e não sabem falar, não podem participar na maior parte dos ministérios. Então, ficam ali a ocupar um banco. Ora, criar igrejas de língua portuguesa permite que esses membros continuem a desenvolver os seus dons. Tem sido uma boa aposta. Nós temos estado a ver as igrejas lusófonas crescerem. Novas igrejas a surgirem. Durante a Pandemia, duas novas igrejas lusófonas foram abertas em Paris, quando muitas igrejas estavam a perder membros ou a pensar fechar portas.

ED: Tens ideia de quantas igrejas lusófonas existem na Europa sob a orientação do CELP?

EC: Sim. Nós trabalhamos sempre em parceria com as Federações. Atualmente, temos 22 igrejas e grupos na Divisão Inter-Europeia. Porque existe também o CELP na Divisão Trans-



-Europeia. Eu sou responsável só do CELP na Divisão Inter-Europeia. São 22 igrejas e grupos. E há 17 Pastores ou Obreiros que estão a trabalhar nessas Comunidades.

ED: Pela primeira vez vai ser realizado um Congresso do CELP em Portugal. Como será?

EC: Exatamente. Este é o quinto Congresso, na verdade. Normalmente, o ritmo é de três em três anos. É um grande momento de celebração, porque todas as igrejas lusófonas se reencontram. Mas é um encontro que tem um carácter missionário muito forte. Estas igrejas vão apresentar o que fazem: Os casos de sucesso e também os desafios. Nós queremos fazer isto em Portugal porque consideramos que as igrejas lusófonas que existem na Europa são uma extensão da União Portuguesa. Mesmo se o nosso território exclui Portugal. Inclui todos os países exceto, Portugal. Porque não faz sentido criar igrejas lusófonas em Portugal, claro.

ED: Eurico, que mensagem é que poderias deixar para aqueles jovens que gostariam de seguir um percurso mais ou menos idêntico ao teu, seja como Pastor ou como Professor?

EC: Eu creio que é importante as pessoas serem autênticas. Estarem atentas à voz de Deus. O que eu levo sempre como uma motivação é um texto que descobri no livro de Eclesiastes. Em Eclesiastes 9:10 diz que tudo o que tiveres à mão para fazer, faz conforme as tuas forças. Isto é um incentivo para a procura da excelência em tudo o que nós fazemos. O meu conselho seria: Façam o melhor que podem fazer. Deus encarregar-Se-á do resto.

ED: Muito obrigado, Eurico. Que Deus continue a abençoar o teu ministério e a tua família!



ENTREVISTA COMPLETA:

[www.revistaadventista.pt/
jornadas-de-fe](http://www.revistaadventista.pt/jornadas-de-fe)

Envolve-se no
PROJETO ESPERANÇA 2024



1,90€



denado que tirasse os sapatos dos seus pés, porque estava a pisar terra sagrada. *“E disse: Não te chegues para cá; tira os sapatos de teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa”* (Êxodo 3:5). No Oriente Médio Antigo, era costume a pessoa descalçar-se ao entrar em locais considerados sagrados, como templos ou palácios, devido à crença de que os sapatos ou as sandálias poderiam transportar impurezas da rua para esses espaços santificados. No caso de Moisés, que já se encontrava num local árido e poeirento por natureza, o facto de Deus ter dado a ordem para tirar as sandálias deveria ser um sinal de respeito e de reverência pela presença do Senhor. A santidade de Deus deveria inspirar um temor reverente no coração do Seu servo. Esse temor, contudo, não era um medo paralisante, mas uma profunda veneração que deveria preparar Moisés para estar atento à mensagem que o Todo-Poderoso tinha para lhe transmitir. A certeza da presença de Deus deveria também apoderar-se

de nós sempre que O buscamos, demonstrando profundo interesse naquilo que o Senhor nos quer dizer.

Ao estudarmos o Santuário também estamos em terreno sagrado, porque a presença do Senhor é real. Na curta ordem que Deus deu a Moisés para construir o Santuário, a afirmação não deixa qualquer dúvida: *“E me farão um Santuário, e habitarei no meio de vós”* (Êxodo 25:8). Deus promete estar presente de forma permanente entre o Seu povo. O curioso nestes dois episódios é que, apesar de ser o Senhor a tomar a iniciativa da aproximação em ambos os casos, no primeiro Deus ordena a Moisés que não se chegue até onde Ele está, enquanto no segundo é o Senhor que faz questão de montar a Sua tenda no acampamento israelita. A grande diferença no encontro junto da sarça ardente é que Deus não permite que o Homem se aproxime d’Ele apenas pela curiosidade, como Moisés procurava fazer (Êxodo 3:3): *“Vou aproximar-me, para ver melhor este espe-*



O Senhor aproxima-Se do Homem para lhe dar a conhecer o Plano da Salvação, mostrando que existe um outro caminho além daquele que o inimigo propõe.

táculo impressionante duma sarça a arder sem se queimar.¹

À semelhança do que tinha acontecido com Adão e Eva, com Noé e com Abraão é sempre Deus a tomar a iniciativa de procurar o Homem no seu estado pecaminoso. Existem duas razões principais para este proceder do Senhor. A primeira razão é o grande conflito com o arquienganador. Deus sabe que, na sua condição de pecador, nenhum homem vai procurá-l'O por iniciativa própria, porque a sua tendência natural é sempre afastar-se mais e mais da presença divina. Era propósito de Deus operar o resgate do ser humano. Nesse sentido, o Senhor aproxima-Se do Homem para lhe dar a conhecer o Plano da Salvação, mostrando que existe um outro caminho além daquele que o inimigo propõe. Porém, Deus compromete-Se, como desde o princípio, a respeitar sempre a individualidade e a vontade humanas. Desta forma, nunca poderia ser acusado pelo inimigo de ser fautor de uma salvação imposta. Em segundo lugar, esta iniciativa de Se aproximar do Homem deveria ser para nós um sinal da boa-vontade, da misericórdia, da fide-

dade e do grande desejo de Deus de Se relacionar com o vulnerável pecador.

A palavra “habitar”, no hebraico (*shaken*), tem um significado muito mais profundo do que no português corrente. Ela significa que alguém quer vir morar connosco com a intenção clara de uma troca de amizade. Pode parecer estranho Deus estar interessado na amizade de pecadores, mas foi justamente o que aconteceu com Abraão. Fico deveras maravilhado com este Deus no caso da destruição de Sodoma e Gomorra, em que nos é mostrada a clara intenção do Senhor de fazer amizade com o Homem: *“E disse o Senhor: Ocultarei eu a Abraão o que faço...?”* (Gênesis 18:17 e 18.) Acaso tem Deus necessidade de partilhar os desígnios divinos com o ser humano? Mais ainda! Tem Deus necessidade de ouvir as opiniões de homens pecadores? Contudo, não apenas o Senhor explica a Abraão as Suas intenções em relação a Sodoma e Gomorra, como também consente que, na sua interlocução, esse homem pecador seja ousado no que diz, raian-do mesmo uma aparente insolência. Sim, Abraão, aparentemente, parece pôr em causa a justiça de Deus (v. 23): *“Destruirás o justo com o ímpio?”* Mais adiante, no versículo 25, vai mesmo ser atrevido a ponto de dizer: *“Longe de ti que faças tal coisa, que mates o justo com o ímpio: que o justo seja como o ímpio, longe de ti seja. Não faria justiça o juiz de toda a terra?”* Esta última frase do versículo mostra que Abraão tinha consciência de com Quem estava a dialogar. Não é por acaso que Abraão é conhecido como o Amigo de Deus.² Que sublime Deus é Este! Era esta a relação que

É bonito ver que, na Sua santidade, Deus ambiciona ser nosso Amigo e mostra mesmo estar interessado na nossa amizade!



Deus queria ter com todo o ser humano. É bonito ver que, na Sua santidade, Deus ambiciona ser nosso Amigo e mostra mesmo estar interessado na nossa amizade! Conhecendo a nossa natureza e as nossas limitações, Deus consente mesmo na nossa linguagem humana, ainda que esta, aos olhos dos outros, possa parecer desrespeitadora e grosseira. Mas há um dado curioso na abordagem de Abraão. Ele conhecia a sua própria condição: *“Eis que, agora, me atrevi a falar ao Senhor, ainda que sou pó e cinza”* (v. 27). Querido Leitor, não tenha receio de estar na Sua divina presença, nem mesmo de ser ousado diante deste admirável Deus, desde que reconheça, conscientemente, a sua condição de ser pó e cinza.

O sentimento da presença de Deus tem esse soberbo propósito: Mostrar que, apesar da nossa enorme pequenez, da nossa profunda indignidade, o Criador está disponível para compreender-nos, para amar-nos, para relacionar-Se conosco e para revelar-nos o rumo certo. Daí o grande desafio de Deus a Abraão: *“Eu sou o Deus Todo-Poderoso; Anda em minha presença e sê perfeito”*

(Gênesis 17:1). *Sim, a plena consciência da presença de Deus e do Seu profundo amor por nós, ao ponto de Ele nos procurar e querer fazer amizade conosco, vai ser a alavanca de que necessitamos para iniciar o processo de voltarmos a ser semelhantes ao Criador. Quando essa presença é sentida e vivida da forma correta, não é de modo algum uma experiência castradora, atemorizadora. Ao invés, ela vai elevar-nos a um patamar superior. Iremos desfrutar de uma sensação prazerosa de liberdade, mesmo que tenhamos de renunciar a alguns prazeres ou pensamentos que, embora não sendo pecado, podem fazer-nos desviar do foco central. E é justamente esse foco que deveríamos acarinharmos neste tempo solene em que aguardamos a breve volta do nosso querido Salvador. Iremos, com alegria indizível, ver e sentir o nosso crescimento à semelhança de Jesus, quando, mesmo incompreendidos, injuriados e até perseguidos, conseguirmos manter uma atitude calma, paciente, perdoadora. Iremos com grande serenidade e paz, que só pode vir do bom Senhor, orar com sinceridade por aqueles que*



teimam em ser nossos inimigos. Paulo testemunhou disto mesmo ao dizer: *“Por isso sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando estou fraco então sou forte”* (II Coríntios 12:10).

Acredito que, entre os homens pecadores que experienciaram as agruras desta vida, Moisés foi aquele que mais interiorizou este conceito de viver constantemente na presença de Deus. Depois de ter sentido a presença real de Deus junto de Faraó, no Mar Vermelho ou nas águas amargas, Moisés quis conhecer melhor Quem era Este Ser Divino tão poderoso e interessado em seres humanos pecadores. Durante um bonito diálogo que tem com o Todo-Poderoso (Êxodo 33:12-23), no qual Moisés suplica que Deus os acompanhe sempre, ousou fazer um pedido especial a Deus. *“Mostra-me a tua glória”* (v. 18). Para mim, não é difícil imaginar o pensamento de Moisés: *“Queres que eu conduza este povo, queres que eu os ensine*

acerca de Ti, mas nem eu mesmo Te conheço ainda bem: mostra-me Quem Tu és, quero conhecer-Te totalmente.” Na resposta imediata, Deus disse que lhe iria mostrar toda a Sua bondade (v. 19). Mas depois, na resposta completa àquele pedido, registrada no capítulo 34, versículos 6 e 7, Deus vai revelar-Se totalmente, mostrando os Seus atributos: *“Passando, pois, o SENHOR perante ele, clamou: JEová, o SENHOR, Deus misericordioso e piedoso, tardio em irar-se e grande em beneficência e verdade; Que guarda a beneficência em milhares; que perdoa a iniquidade, e a transgressão e o pecado; que ao culpado não tem por inocente; que visita a iniquidade dos pais sobre os filhos e sobre os filhos dos filhos até à terceira e quarta geração.”* Não tiremos conclusões precipitadas acerca desta última frase. Como explicarei detalhadamente noutro artigo, o culpado aqui referido não é aquele que erra, mas sim aquele que rejeita o Caminho proposto por Deus.

Voltando à resposta do Senhor: *“Moisés, querias conhecer-Me melhor?”*

Aqui tens, Eu Sou o Criador que tem estes atributos: Misericordioso; Longânimo (perseverantemente paciente); Grande em Bondade; Grande em Verdade; Perdoador das transgressões, das iniquidades e dos pecados. Agora que já Me conheces, Moisés, dá-Me a conhecer ao teu povo. Mostra com a tua conduta Quem é o SENHOR que quer habitar convosco, salvar-vos e preparar-vos para anunciarem a Sua salvação a toda a Humanidade.” É verdade que Moisés teve esse privilégio de estar na presença de Deus e de ouvir a Sua voz, mas também manifestou querer viver quotidianamente com ELE. Essa experiência teve um impacto profundo e fez toda a diferença na vida de Moisés. Leiamos o que a Serva do Senhor escreve para distinguir a sua vida: “Pensem na vida de Moisés. Que paciência e tolerância caracterizavam a sua vida. Na Epístola aos Hebreus, Paulo declara: ‘Antes, permaneceu firme *como quem vê aquele que é invisível*.’ Hebreus 11:27. Esse caráter de Moisés não significa simplesmente resistência ao mal, mas uma perseverança firme, coerente. Ele mantinha sempre o Senhor diante de si e o Senhor era a sua mão direita. Moisés tinha um profundo senso da presença de Deus. Ele via Deus. Ele não estava apenas a olhar através dos séculos para um Cristo que seria revelado, mas via Cristo a acompanhar de modo especial os filhos de Israel na sua jornada. Deus era real para ele e presente nos seus pensamentos. Quando chamado a enfrentar o perigo, a suportar insultos e a ser mal-compreendido por causa de Cristo, ele foi perseverante para suportar sem represália.”³

Esse caráter de Moisés não significa simplesmente resistência ao mal, mas uma perseverança firme, coerente. Ele mantinha sempre o Senhor diante de si e o Senhor era a sua mão direita.

O resultado dessa consciência da presença de Deus, mesmo nos seus pensamentos, foi o que o capacitou a ser o homem mais manso. Quis imitar tanto o seu Senhor que até pôs em risco a sua vida eterna, apenas para interceder pelo povo que o acusava e rejeitava. Passou no teste porque conhecia bem o caráter de Deus. Mas nós também temos o privilégio de conhecer todas estas histórias reais e refletir demoradamente sobre as mesmas. Queremos nós também manifestar ao Senhor este desejo sincero de O ter presente constantemente na nossa vida, ainda que, às vezes, possa parecer perturbador? Oro para que Deus abra os olhos do nosso entendimento, a fim de estarmos conscientes dessa Presença Divina a cada momento do nosso dia-a-dia. Está a ser uma experiência incrível na minha vida e não a quero viver sozinho, por isso a partilho com cada Leitora e Leitor desta Revista. Que Deus nos abençoe. Amém!

¹
A Bíblia para Todos, versão comum da Sociedade Bíblica de Portugal.

²
Isaías 41:8; Tiago 2:23; II Crônicas 20:7.

³
Ellen G. White, *Olhando para o Alto*, 7 de abril.



ESPÍRITO DE PROFECIA

Daniel Vicente | Diretor do Serviço de
Espírito de Profecia da UPASD

150 anos de Adventismo oficial na Europa: Michael Belina Czechowski (Parte II)

Quando a Igreja Adventista do Sétimo Dia se organizou, em 1863, pensou em enviar o Pr. Snook como missionário para a Europa. Nesse momento, Czechowski, que sempre tinha querido ir para o Velho Continente como missionário, pensou que aquela era a sua oportunidade. Falou com o Pr. Loughborough para que interviesse junto da direção da Igreja em seu favor, pois estava disposto a voluntariar-se e a seguir com a sua família para a Europa.¹

Ellen G. White, apercebendo-se da vontade de Czechowski, ainda antes dessa data, advertiu-o, em 1861: “Mantenha-se pronto para seguir a providência inicial de Deus, mas não deve traçar o seu próprio caminho.”² No entanto, parece que isto era pedir de mais a alguém impetuoso como Czechowski. Também os dirigentes da Conferência Geral não se sentiram seguros para enviar à Europa alguém tão im-

petuoso, que se tinha mostrado um mau gestor e que não aceitava com facilidade um conselho. Com a recusa de o enviarem como voluntário para a Europa, cortou relações com os dirigentes em Battle Creek, onde se encontravam os escritórios da Conferência Geral.

Por sua conta e risco, recorreu aos Cristãos do Advento, que não aceitavam nem o Sábado nem a doutrina do Santuário, mas aceitavam a doutrina da não imortalidade da alma e a doutrina do Advento, para obter ajuda financeira e seguir os seus planos na Europa. Este era um esquema de Czechowski. Ele tinha rompido com a direção dos Adventistas do Sétimo Dia, mas continuava a identificar-se com as suas doutrinas. Bem o tinha advertido Ellen G. White de que isso aconteceria: “Será tentado a romper com este povo, onde pode ser impulsionado para a frente e fa-

zer um grande trabalho.”³ Entusiasmados, os Cristãos do Advento patrocinaram a sua viagem e os seus primeiros anos na Europa.

Partiu para a Europa a 14 de maio de 1864,⁴ tendo como destino a Itália, onde pregou a mensagem do terceiro anjo e do Sábado bíblico, por mais de um ano, na região valdense de Torre Pellice. Durante esse tempo, conseguiu com que várias pessoas aderissem à mensagem Adventista do Sétimo Dia, sem nunca lhes indicar que existia uma organização que sustentava essas doutrinas na América do Norte. Quando começou a enfrentar uma forte oposição em Itália, decidiu partir com a sua família em direção à Suíça, acompanhado de Anne Butler, que os tinha seguido desde a América do Norte, e de J. D. Geymet, o seu primeiro converso em Itália. Chegou à Suíça em setembro de 1865,

a partir de onde passou a conduzir as suas ações evangelísticas.

Saberemos mais acerca deste homem no próximo mês. Apesar de impulsivo e de pouco dado a conselhos, Ellen G. White referiu-se a ele como sendo “conscioso e perfeitamente honesto perante Deus”.⁵

1
C. Mervyn Maxwell, *História do Adventismo*, Santo André, SP: CPB, 1982, p. 165.

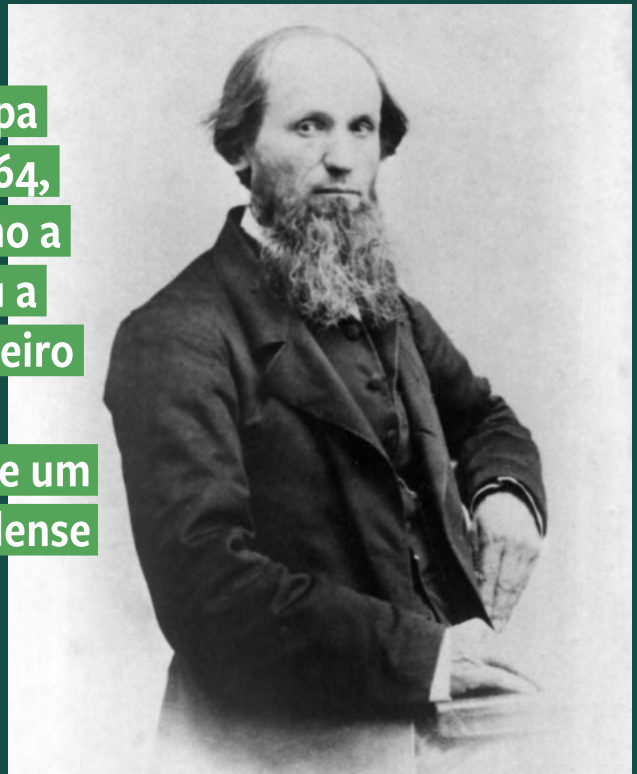
2
Ellen Gold White, *Carta 37*, 1861, par. 13, <https://egwwritings.org/read?panel-s=p13961.3226007&index=0>.

3
Ellen Gold White, *Carta 37*, 1861, par. 9, <https://egwwritings.org/read?panel-s=p13961.3226007&index=0>.

4
C. Mervyn Maxwell, *História do Adventismo*, Santo André, SP: CPB, 1982, p. 166.

5
Ellen Gold White, *Carta 37*, 1861, par. 11, <https://egwwritings.org/read?panel-s=p13961.3226007&index=0>.

Partiu para a Europa a 14 de maio de 1864, tendo como destino a Itália, onde pregou a mensagem do terceiro anjo e do Sábado bíblico, por mais de um ano, na região valdense de Torre Pellice.





Apenas Lucas nos deixou um registo de um interessante episódio na vida de Jesus que tem, ao longo dos séculos, feito muitos de nós refletir sobre as nossas prioridades: “E aconteceu que, indo eles de caminho, entrou Jesus numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa; e tinha esta uma irmã chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra. Marta, porém, andava distraída em muitos serviços; e, aproximando-se, disse: Senhor, não se te dá de que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe que me ajude. E respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada” (Lucas 10:38-42).

Se tivesse de perguntar, naquele incidente, qual das duas irmãs foi, nas palavras de Jesus, apanhada em falta e qual foi louvada, ninguém hesitaria em

apontar Marta como faltosa e Maria como virtuosa. Deixem-me, entretanto, rever o caso de Marta e livrá-la, se possível, de um julgamento mais duro.

Marta, diz o texto, recebeu Jesus em sua casa. Não é isso que somos chamados a fazer? Na carta a Laodiceia, é-nos dito que Jesus bate à porta da nossa casa e quer entrar. Assim sendo, não podemos condenar Marta, pois ela respondeu bem ao apelo que encontramos em Apocalipse 3:20. Por outro lado, Paulo exorta-nos a não negligenciarmos a hospitalidade, pois alguns, seguindo-a, hospedaram anjos (Hebreus 13:1). Qualquer dona de casa sabe o preço da hospitalidade – muito trabalho! Não é apenas o alimento extra a produzir em acréscimo pela presença de mais alguém; é a necessidade de ter tudo em ordem para poder receber. Alguma desarrumação acumulada precisa de ser corrigida, para não deixar uma impressão de desordem nos convidados. Marta representa aqui

Marta com coração de Maria

a figura familiar de alguém que trabalha muito, que se esforça para manter a ordem – uma verdadeira empreendedora. Os projetos avançam no Lar, na Igreja e na Sociedade quando existem Martas que são dedicadas e diligentes, responsáveis e incansáveis. Paradoxalmente, muitas dessas pessoas parecem não ser devidamente reconhecidas. Algumas delas, apesar de não se lhes negar o crédito do que fizeram, são evitadas e preteridas por outras, aparentemente menos empreendedoras. Tenho visto, nesse contexto, amargura e perplexidade no coração de muitas Martas. Como compreender tal situação?

Mesmo à distância, podemos sentir a irritação na voz de Marta ao abordar Jesus: “Não se te dá de que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe que me ajude.” As Martas podem eventualmente tornar-se algo agressivas. Esta não só se indispôs com a irmã, como também com o próprio Jesus, convivente com a aparente injustiça que se estava a desenrolar. O ambiente certamente ficou tenso. É por esta razão que estas pessoas podem tornar-se mal-amadas. Podem chegar mesmo a tornar-se intratáveis. É aquela mãe que começa a disparar para todos os lados porque ninguém ajuda lá em casa; é aquele membro que sente que mais ninguém leva a sério as coisas da igreja. Críticas e censuras constantes acabam por alienar toda a simpatia e azedar os relacionamentos. Haverá uma solução para prevenir este triste cenário?

Joanna Weaver escreveu um interessante livro, *Como ter o coração de Maria no mundo de Marta* (CPAD, 2004), com o objetivo de ajudar mulheres muito ata-

refadadas a equilibrarem a sua vida através da comunhão com Deus. Sim, a solução reside em pôr em prática Mateus 6:33: Buscar primeiro o Reino de Deus, confiar que as muitas necessidades da vida serão por Ele supridas (Filipenses 4:19) e só depois fazer a nossa parte, trabalhar os seis dias com diligência e empreender a obra que nos cabe realizar (Êxodo 20:9). Martas cheias de energia e força – mas com o coração transformado como foi o de Maria – são mais necessárias hoje do que nunca!

Mas poderá o estimado Leitor ou a estimada Leitora contrapor com este pensamento: “Eu faço tudo isso, leio a *Lição da Escola Sabatina* e a *Meditação Matinal*, faço o ano bíblico e até faço o culto doméstico, mas não consigo dominar a irritação que sinto em face das injustiças e do descuido daqueles com quem lido e que deveriam ser muito mais sensíveis e responsáveis.” Em face desse argumento, deixo aqui esta pequena citação de Ellen G. White: “Far-nos-ia bem passar diariamente uma hora a refletir sobre a vida de Jesus. Deveremos tomá-la ponto por ponto, e deixar que a imaginação se apodere de cada cena, especialmente as finais. Ao meditar assim no Seu grande sacrifício por nós, a nossa confiança n’Ele será mais constante, o nosso amor vivificado e seremos mais profundamente imbuídos do Seu Espírito.” – *Filhos e Filhas de Deus*, p. 340.

Talvez seja preciso intensificar e centrar a sua vida devocional n’Aquele que é manso e humilde de coração (Mateus 11:29), até que, pela contemplação, seja transformado. Melhoram assim as possibilidades do seu lar se tornar num pedacinho do Céu na Terra!



A Associação dos Universitários Adventistas (AUA) pretende dar resposta aos desafios e às inquietações que os Jovens Universitários Adventistas encontram na sua vida pessoal, académica, profissional e espiritual.

A *Diálogo* e a nossa missão

Neste artigo, queremos dar-te a conhecer uma ferramenta extraordinária que está disponível para os Universitários Adventistas. Conheces a revista *Diálogo*?

A *Diálogo Universitário* é uma revista internacional de fé, pensamento e ação, publicada pelo Ministério Adventista Internacional dedicado aos Universitários Adventistas (AMICUS), em cooperação com as 13 Divisões mundiais da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Os conteúdos estimulam uma fé viva e inteligente, bem como um compromisso com Cristo, com a Bíblia e com a missão global Adventista. Traz respostas bíblicas a assuntos contemporâneos relacionados com as Artes, as Ciências Humanas, a Filosofia, a Religião e as Ciências Físicas, entre outras disciplinas académicas.

Podes consultar o *site*: <https://dialogue.adventist.org/pt> (no *QRCode* abaixo) ou descarregar a *app* que está disponível tanto para *Android*, como para *iOS*.



**Queremos
estar contigo!**

Convidamos-te a seguires a AUA através das nossas redes sociais ou a colocares qualquer questão ou pedido que tenhas mediante o *email* universitarios@adventistas.org.pt.



Vai e prega!

O evangelismo nas cidades é uma necessidade cada vez mais recorrente para a nossa Igreja, à medida que elas crescem exponencialmente. O processo de urbanização contribui para o facto de que a Sociedade da cidade de hoje está em constante mutação a nível social, demográfico e cultural.

A grande questão é: Como pode a Igreja responder às necessidades desta população específica?

Em Marcos 16:15, Jesus diz-nos: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura.” Os verbos estão conjugados no imperativo, o que, na minha opinião, reflete a onnipotência de Deus, pois Ele também ordenou a Josué: “Não to mandei eu? Sê forte e corajoso; Não temas, nem te espantes, porque o SENHOR é contigo por onde quer que andares” (Josué 1:9). O mesmo Deus Todo-Poderoso que estava com Josué está connosco e o Seu poder está tão disponível para nós quanto estava para os nossos antepassados. Ele capacitar-nos-á com dons e com sabedoria para alcançarmos as pessoas citadinas, se intercedermos por elas em constante oração. Por vezes, deixamos que os nossos medos, as nossas inseguranças, a nossa ansiedade e o nosso stresse nos dominem. O barulho da cidade pode ser avassalador e, às vezes, deixamos abafar a voz de encorajamento de Deus.

“A obra de Deus na Terra jamais poderá ser terminada, a não ser que os homens e as mulheres que constituem a Igreja concorram ao trabalho e unam os seus esforços aos dos Pastores e Oficiais da Igreja.” – Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 9, p. 117.

As palavras “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura” (Marcos 16:15), são dirigidas a cada um dos seguidores de Cristo. Todos aqueles que estão destinados a participar na vida de Cristo estão destinados a trabalhar pela salvação dos seus semelhantes. O mesmo anseio de alma que Ele sentia pela salvação dos perdidos deve ser manifestado neles. Nem todos podem ocupar a mesma posição, mas para todos há um lugar e um trabalho. Todos aqueles sobre os quais as bênçãos de Deus foram derramadas devem responder através do serviço fiel. Todos os dons devem ser usados para o avanço do Seu Reino.

E tu, meu amigo, estás pronto para ser usado por Deus?!

RUTE BOA MORTE
Equipa de apoio à
coordenação da AUA





Conceição Lagoa
Diretora-Associada da Área da Família da
UPASD para os Ministérios da Criança

Noé

“Noé, porém, achou graça aos olhos do Senhor” (Gênesis 6:8).

“Assim fez Noé: conforme a tudo o que Deus
lhe mandou, assim o fez” (Gênesis 6:22).

Olá, Amiguinho! Gostaria de partilhar contigo algumas reflexões inspiradas na história de **Noé, um homem de fé e de obediência, que desempenhou um papel crucial na história da salvação.**

O **Senhor** falou com **Noé** e ordenou-lhe que construísse uma **arca**. Ele levou **cento e vinte anos** a construí-la e, enquanto trabalhava na sua edificação, pregava que Deus traria um **dilúvio** sobre a Terra para destruir os ímpios. Também afirmava que aqueles que acreditassem na sua mensagem, que se preparassem, que se arrependessem e que reformassem a sua vida, teriam os seus pecados perdoados e seriam **salvos**. Matusalém, filho de Enoque e avô de Noé, e os seus filhos também ajudaram na construção da arca.

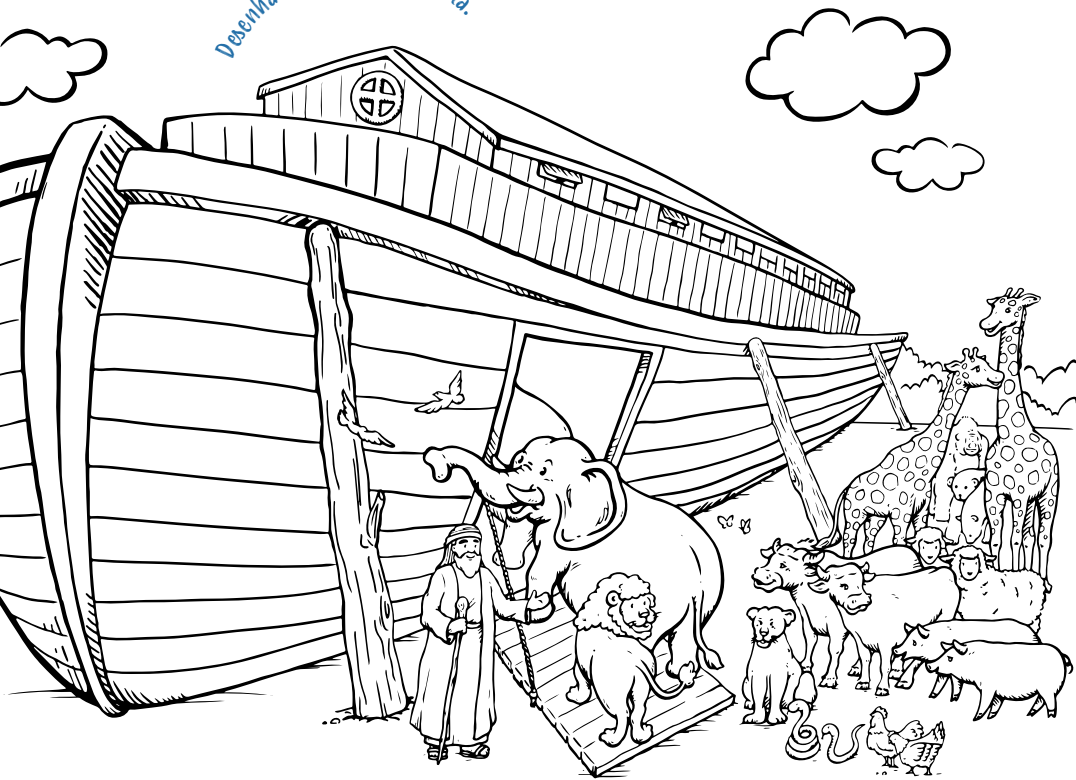
Noé recebeu de **Deus** as **medidas** exatas da **arca** e instruções explícitas com relação à sua construção. O Homem, com toda a sua sabedoria, não poderia ter feito uma arca tão resistente. **Foi Deus que fez a planta da arca. Noé foi apenas o construtor-chefe.** A arca era semelhante ao casco de um **navio**, pelo que conseguiria flutuar, mas era também parecida com uma **casa**. Tinha três

andares e uma porta que ficava ao lado. A luz entrava por cima e os diversos compartimentos eram, desta forma, iluminados. As medidas da arca eram as seguintes: cento e cinquenta metros de comprimento, vinte e cinco metros de largura e quinze metros de altura. A **arca** foi feita de **cipreste** ou madeira de Gofer. Apesar de bem construída, a arca por si só não resistiria à tempestade que deveria vir sobre a Terra; **somente Deus poderia preservar os Seus servos do Dilúvio.**

“Pela fé Noé, divinamente avisado das coisas que ainda se não viam, temeu, e, para salvação da sua família, preparou a arca, pela qual condenou o mundo, e foi feito herdeiro da justiça que é segundo a fé” (Hebreus 11:7).

Ao construir a arca, Noé deu ao mundo o **exemplo** de se **crer naquilo que Deus diz** e empregou tudo o que tinha para construí-

Desenha mais animais e pinta.



-la. Ele fez o último apelo para que as pessoas buscassem refúgio na arca, mas o povo zombava dele e não lhe dava ouvidos. Que pena! Se eles tivessem acreditado em Noé e se se tivessem arrependido das suas más ações, o Dilúvio não teria ocorrido.

Amiguinhos algo extraordinário aconteceu! **Animais de todas as espécies vieram das montanhas e das florestas e caminharam, em silêncio, em direção à arca.** As aves também se juntaram ao ouvir o chamado. **É triste ver que os animais obedeceram à ordem de Deus, mas os homens não.** Os animais foram guiados por santos anjos. Eles “entraram de dois em dois para

Noé na arca” (Gênesis 7:9) e os animais limpos, ou puros, em porções de sete pares.

Até àquele momento, nunca tinha chovido. A terra era regada por neblina ou orvalho. Deus ordenou a Noé:

**“Entra tu e toda a tua casa na arca, porque te hei visto justo diante de mim, nesta geração”
(Gênesis 7:1).**

Noé entrou na arca, juntamente com a sua família, conforme Deus ordenara. O anjo de Deus fechou a porta da arca, e, ao

oitavo dia, “romperam-se todas as fontes do grande abismo, e as janelas do céu abriram-se” (Gênesis 7:11). A água parecia vir das nuvens em grandes cataratas. Os rios transbordaram e inundaram os vales, jatos de água irromperam da terra com uma força indescritível, lançando pedras maciças muitos metros para o ar, que, ao caírem, sepultavam-se profundamente no solo.

Os gritos dos animais dentro da arca expressavam o seu medo. No entanto, anjos “magníficos em poder” foram comissionados para guardar a arca.

Amiguinho, assim como Noé obedeceu ao chamado de Deus para construir a arca e preservar a vida durante o Dilúvio, somos lembrados da importância da obediência à vontade de Deus, mesmo quando os desafios parecem insuperáveis.

A fé inabalável de Noé é um exemplo para todos nós. A história da arca de

Noé também nos ensina sobre a importância da **preparação** e da **confiança em Deus** nas tempestades da vida. Da mesma forma que Deus protegeu Noé e a sua família, Ele também nos **guarda** e nos **guia** quando enfrentamos adversidades.

Portanto, desejo que reflitas sobre a **importância da fé, da obediência e da confiança em Deus na tua vida.** Que possamos seguir o exemplo de Noé ao buscar a vontade do Senhor e a preservação daquilo que é precioso aos Seus olhos. Que o Senhor abençoe todos os nossos esforços!

Pensamento sobre Noé

“Noé havia feito tudo o que Deus dele requerera ao preparar a arca; então, **Deus fez aquilo que o Homem não podia fazer e preservou a arca pelo Seu miraculoso poder.**” – Ellen G. White, *Spiritual Gifts*, vol. 4, pp. 148 e 149.





Daniel A. Duffis

Pastor

Retirado da Revista Adventista brasileira de março de 2023.



Um rebelde, uma revolta e um milagre

**A forma inusitada como
Deus proveu recursos para
a construção de uma igreja.**

Quatro homens caminharam em direção ao *S. S. van Rensselaer*, que estava ancorado no Porto de La Guaira, na Venezuela. William Baxter, Presidente da União das Caraíbas, Charles Knight, Tesoureiro, Fred Steeves, Secretário, e Pedro Sanoia, Colportor Evangelista, embarcaram numa viagem missionária à Ilha holandesa caribenha de Curaçau, ao norte do Lago de Maracaibo. Corria o mês de julho de 1924.

No dia seguinte, quando chegaram, viajaram por toda a Ilha vendendo livros religiosos e plantando as sementes do Evangelho. Cerca de um ano mais tarde, Charles e a sua esposa, Deborah, mudaram-se para Curaçau. Deborah foi uma verdadeira pioneira. Nos períodos em que o marido viajava para a Venezuela, ela costumava permanecer na Ilha. Deborah pregou como um Pastor experiente, ministrou estudos bíblicos e visitou habitantes da Ilha. Ali, ela organizou um pequeno grupo. Dois anos de trabalho árduo foram frutíferos para o estabelecimento da Igreja em Curaçau.

Depois de o casal Knight deixar a Ilha, David Babcock e a sua esposa foram chamados para pastorear o pequeno grupo de fiéis. Eles precisavam de um prédio próprio para os cultos. Era muito difícil deslocar-se constantemente de um lugar para o outro. Em março de 1929, após muito jejum e muita oração, David pediu ao Governo um terreno para construir uma igreja. Para que isso acontecesse, seria necessário um milagre. O grupo continuou a orar, e Deus respondeu de uma forma estranha e dramática.

Recurso inesperado

Na noite do sábado 8 de junho de 1929, dois camiões que transportavam cerca de 45 Venezuelanos rebeldes, sob a liderança de Rafael Simon Urbina, entraram em Curaçau e levaram o Governador à força. Rafael conhecia Curaçau muito bem. Sabia, inclusive, como se davam as deslocções de soldados, que ele conhecia pessoalmente. Um ano antes, tinha sido capturado e mantido lá, em isolamento. Porém, devido ao seu bom comportamento, Rafael foi autorizado a trabalhar em Forte Amesterdão e teve tempo suficiente para observar as movimentações e a rotina dos militares. Ele sabia onde as munições eram guardadas.

Enquanto Rafael estava na prisão, os companheiros venezuelanos que trabalhavam na Refinaria *Shell* entraram em greve, exigindo a libertação dos prisioneiros venezuelanos detidos no Forte. O capitão encarregado pediu a Rafael para falar com os líderes da greve. Rafael disse que só o faria com uma condição – a garantia de que não seria enviado de volta para a Venezuela. Como a Holanda e a Venezuela mantinham boas relações, Rafael sabia que queriam mandá-lo de volta para a Venezuela. Isto seria o seu fim. A greve na Refinaria teve o desfecho desejado e a rainha Guilhermina, da Holanda, ordenou a sua deportação para outro país – a Colômbia.

Rafael não gostou do tratamento que recebeu do Governo de Curaçau e decidiu que, um dia, se vingaria. Então, preparou-se ao longo de quase um ano. Oito dias antes do ataque de junho, Rafael foi até Curaçau usando

um passaporte mexicano com outro nome. No cais, os seus camaradas esperavam-no. Levaram-no para uma pequena casa ao lado da Refinaria, onde um colega o aguardava. Aí, finalizaram os planos para o ataque.

Rafael e os seus comparsas, armados com facões e duas pistolas automáticas, atacaram a guarda do Forte, matando três soldados holandeses. Apesar da resistência militar, os insurgentes assumiram o controlo.

O líder rebelde foi até ao palácio do Governador, Leonard Fruytier, exigindo que este o acompanhasse e permitisse que o grupo deixasse a Ilha de barco. Caso essa exigência não fosse satisfeita, incendiariam a Refinaria de petróleo, o que seria uma grande tragédia. Pouco depois da meia-noite, o governador e outros reféns foram obrigados a embarcar no navio *Mara-caibo*, com destino à Venezuela.

Arthur Morris, capitão do navio, protestou que não poderia deixar o Porto sem documentos de libertação e sem uma tripulação, já que a sua equipa tinha fugido quando ouviu o tumulto. Rafael disse ao capitão para preparar os papéis e, apontando uma arma, forçou o Governador a assiná-los.

No mar, o capitão ouviu dizer que os rebeldes estavam a planear matar o Governador e lançá-lo ao mar. Então, Morris disse a Rafael que isso seria um grande erro, porque o homem que ele mantinha prisioneiro não era o Governador do tempo em que ele tinha sido preso. O outro Governador tinha voltado para a Holanda. O capitão explicou ainda que este homem queria que todos tivessem um tratamento justo.

Convencido pelos seus argumentos, Rafael exigiu que ele e os demais rebeldes fossem deixados na cidade de Coro, na Venezuela. Dali, o navio poderia levar o Governador e os restantes prisioneiros de regresso a Curaçau. A viagem terminou com os rebeldes a serem capturados pelo exército venezuelano.

Novos horizontes

Este episódio encerrou um capítulo amargo na história da Ilha de Curaçau e do seu Governo, mas abriu novos horizontes à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Deus usa até as circunstâncias difíceis para impulsionar a Sua Obra.

De volta ao cargo, o Governador Fruytier chamou o capitão Morris e disse-lhe que, como gratidão por lhe ter salvado a vida, ele atenderia a qualquer pedido razoável que aquele lhe fizesse. A esposa do capitão era Adventista e, geralmente, ele frequentava os cultos com ela, quando estava no Porto. Sabendo das dificuldades que a Igreja estava a enfrentar para conseguir um terreno, o capitão Morris pediu ao Governador que atendesse ao pedido dos Adventistas do Sétimo Dia e cedesse um terreno para a construção da igreja.

Dois meses depois foi entregue aos Adventistas um terreno de 1200 metros quadrados. Este foi o local em que, no início de 1930, foi construído o primeiro templo da Igreja Adventista do Sétimo Dia na Ilha de Curaçau. Ao lado, também foi edificada uma casa pastoral. A Igreja uniu-se em oração e ação de graças ao Senhor por Este ter respondido às suas orações de forma tão rápida e surpreendente!



Clifford Goldstein
Editor do Manual de Estudo da Escola Sabatina



As boas-novas do juízo pré-Advento

Se somos salvos pela fé e não pelas obras, o que significa, então, a tese de que seremos julgados pelas nossas obras?

Se somos salvos pela fé e não pelas obras,¹ o que significa, então, a tese de que seremos julgados pelas nossas obras?² Não são apenas os Adventistas do Sétimo Dia que se têm debatido com esta questão. O mesmo tem acontecido com outros Cristãos.³

Como é que podemos reconciliar estas duas verdades bíblicas? Este artigo defende que nós encontramos a resposta a esta pergunta em Daniel 8:14.

Todas as coisas secretas

Se pusermos de lado, por agora, tudo o que é distintamente Adventista, uma verdade ecoa sonoramente ao longo de todas as Escrituras.

“Porque Deus há de trazer a juízo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau” (Eclesiastes 12:14).

“Mas eu vos digo que, de toda a palavra, ociosa que os homens disserem, hão de dar conta no dia do juízo” (Mateus 12:36).

“Portanto, nada julgueis, antes do tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas e manifestará os desígnios dos corações; e, então, cada um receberá de Deus o louvor” (I Coríntios 4:5).

“Porque todos devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal” (II Coríntios 5:10).

“Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus?” (I Pedro 4:17.)

Não admira que, no contexto do Juízo, Ellen G. White, depois de ter citado alguns destes versículos e outros mais, tenha escrito que “a vida de cada homem passa em revista perante Deus, e é registada pela sua fidelidade ou infidelidade. Ao lado de cada nome, nos livros do Céu, estão escritos, com incrível exatidão, todas as palavras inconvenientes, todos os atos egoístas, todos os deveres não cumpridos e cada pecado secreto, juntamente com toda a hipocrisia dissimulada. Advertências ou admoestações enviadas pelo Céu, e que foram negligenciadas, momentos desperdiçados, oportunidades não aproveitadas, influência exercida para o bem ou para o mal, juntamente com os seus resultados de grande alcance, tudo é registado pelo anjo relator”.⁴

Assim sendo, como é que lhe correrá o Juízo quando tiver de responder por cada palavra inconveniente, quando cada pecado secreto for julgado e quando aquilo que escondeu nas trevas for, com “incrível exatidão”, trazido à luz?

Dia da Expição

A resposta aparece em Daniel 8:14 – “E ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado”.

Primeiro, a passagem está a falar sobre o Santuário. O Santuário terrestre no deserto ou os sucessivos templos em Jerusalém eram onde Deus revelara o Evangelho ao antigo Israel. Cada animal sacrificado era uma mini-profecia que apontava para a morte de Jesus como nosso perfeito Substituto, como nosso Sacrifício expiatório pelo pecado. E a obra intercessora dos sa-

cerdotes nos Santuários prefigurava a obra do nosso Sumo-Sacerdote, Jesus Cristo, no Santuário Celeste (Hebreus 8:1-6). O culto do Santuário terrestre, em essência, era o Plano da Salvação ensinado por símbolos.

Segundo, o Santuário é purificado. Até ao dia de hoje, os Judeus continuam a compreender o Dia da Expição – *Yom Kippur* – como um tempo de Juízo. Por isso, é fascinante e crucial que, quando se coloca em paralelo Daniel 7 e Daniel 8, a purificação do Santuário, em Daniel 8:14, corresponde à grande cena de Juízo, em Daniel 7:9, 10, 13, 26, sendo que esta conduz à Segunda Vinda de Jesus (Daniel 7:14, 27). Portanto, estamos a falar de um juízo pré-Advento. O juízo pré-Advento, em Daniel 7, e a purificação do Santuário, em Daniel 8, retratam o mesmo acontecimento (embora Daniel 8 esteja impregnado da imagética do Santuário).

Aqui, neste rito do Santuário, está a resposta sobre o modo como nós, enquanto pecadores, conseguimos passar pelo Juízo.

Levítico 16 descreve o rito do *Yom Kippur* com algum detalhe, mas, para o nosso propósito, um elemento é crucial.

“Com isto Aarão entrará no santuário: com um novilho, para expiação do pecado [...]. E tomará do sangue do novilho, e com o seu dedo espargirá sobre a face do propiciatório [...]. Depois, degolará o bode da expiação [...] e trará o seu sangue para dentro do véu; e fará com o seu sangue como fez com o sangue do novilho [...]. E tomará do sangue do novilho, e do sangue do bode [...]. E daquele sangue,

espargirá sobre ele” (Levítico 16:3, 14, 15, 18 e 19).

Sangue, sangue, sangue. É o *Yom Kippur* (Dia da Expição), não o *Yom Ahseret Hadebarim* (O Dia dos Dez Mandamentos ou das Dez Palavras), e a purificação vem apenas pelo sangue, não pela Lei. Qualquer dia dedicado à expiação, ao que Cristo fez por nós com o Seu sangue derramado, deveria ser uma boa-nova.

Então, como é que tal dia se transformou num dia tão negativo para tantos Cristãos? A resposta é simples! Eles levam as pessoas para o Lugar Santíssimo do Santuário Celeste, onde acontece o Juízo – mas sem sangue! E sem sangue, há apenas a Lei, e a Lei nunca purifica, mas condena sempre. Tal como Israel necessitava de um sacerdote para mediar em seu favor, usando o sangue, também nós temos de ter Jesus a mediar em nosso favor, usando o Seu sangue – agora e, em especial, no Juízo.

“Ora, a suma do que temos dito é que temos um sumo-sacerdote tal, que está assentado nos céus, à dextra do trono da majestade, ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo,



o qual o Senhor fundou e não o homem” (Hebreus 8:1 e 2).

“Quem o condenará? Pois é Cristo quem morreu, ou, antes, quem ressuscitou de entre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós” (Romanos 8:34).

“Portanto, pode também salvar, perfeitamente, os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hebreus 7:25).

Peshayim

Pode ser fiel – e nós somos chamados a ser fiéis. Pode ser obediente – e nós somos chamados a ser obedientes. Pode ser santo – e nós somos chamados a ser santos. Mas é suficientemente fiel, suficientemente obediente e suficientemente santo para passar incólume pelo Juízo, que irá expor todas as coisas secretas aos olhos de Deus?

Crucial para o rito do *Yom Kippur* é a passagem de Levítico 16:16, que explica por que razão o Santuário necessita de purificação e por que razão necessitamos do sangue e de um mediador para ministrar esse sangue em nosso favor. “Assim, fará expiação

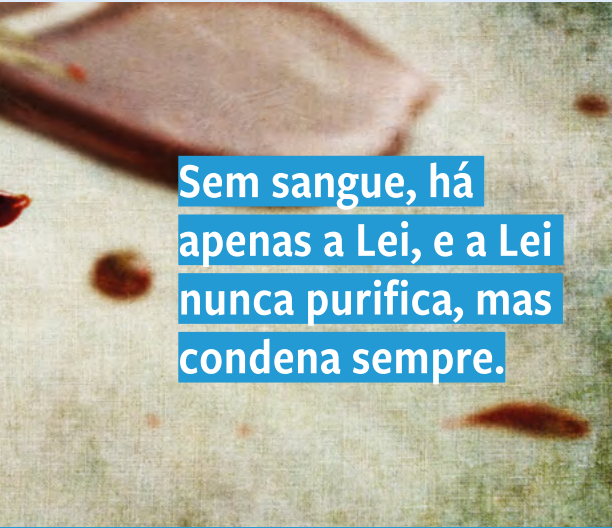
pelo santuário, por causa das imundícies dos filhos de Israel e das suas transgressões, segundo todos os seus pecados: e assim fará para a tenda da congregação, que mora com eles, no meio das suas imundícies.”

O povo é culpado de quê? Imundície, transgressões e pecados? A palavra hebraica para “transgressões”, *peshayim*, é a palavra para “pecado” mais dura e mais forte no Antigo Testamento. Assim, por mais fiel, obediente e santo que o povo procurasse ser, especialmente no *Yom Kippur*, o texto supõe a sua pecaminosidade, sendo precisamente essa a razão por que o Santuário necessita de ser purificado.

Por duas vezes (vv. 29 e 31) é dito aos Hebreus para “afligirem a vossa alma” nesse dia. Embora se debata o seu sentido preciso, isso seguramente incluía jejum (Isaías 58:3; Esdras 8:21), arrependimento, humilhação, abnegação e confissão do pecado, sendo que tudo isto implica a pecaminosidade inerente do povo, mesmo no *Yom Kippur*. Além disso, porque a ordem para “afligirem a vossa alma” era “um estatuto perpétuo” (Levítico 16:31), pode-se supor que os membros do povo necessitariam de sangue e de mediação ano após ano, pela mesma razão que necessitavam deles naquele ano particular: “... por causa das imundícies dos filhos de Israel e das suas transgressões, segundo todos os seus pecados” (v. 16).

O nosso Sumo-Sacerdote celeste

No mesmo livro em que escreveu sobre Deus rever os registos “com incrível exatidão”, Ellen G. White também explicou o que Jesus faz pelo Seu povo naquele Juízo.



Sem sangue, há apenas a Lei, e a Lei nunca purifica, mas condena sempre.



**“Conheço-os pelo nome.
Gravei-os na palma das Minhas mãos!”**

“Jesus não desculpa os seus pecados, mas apresenta o seu arrependimento e a sua fé, e, reclamando o perdão para eles, ergue as mãos feridas perante o Pai e os santos anjos, dizendo: ‘Conheço-os pelo nome. Gravei-os na palma das Minhas mãos!’”⁵

Jesus não desculpa os seus pecados? Eles parecem ser como aqueles que são descritos em Levítico 16:16: pecadores que necessitam de graça – precisamente o que eles obtêm no *Yom Kippur* com todo aquele sangue.

Ela continua:

“O serem os reconhecidos filhos de Deus representados como estando na presença do Senhor com vestes sujas deve levar à humildade e ao profundo exame do coração, por parte de todos os que Lhe professam o nome. Os que estão de facto a purificar o carácter mediante a obediência à verdade terão de si mesmos uma opinião muito humilde. Quanto mais de perto virem o imaculado carácter de Cristo, tanto mais

forte será o seu desejo de serem conformados à Sua imagem, e tanto menos pureza ou santidade verão eles em si mesmos. Mas, conquanto devamos reconhecer o nosso estado pecaminoso, temos de confiar em Cristo como nossa justiça, nossa santificação e redenção. Não podemos contestar as acusações de Satanás contra nós. Cristo, unicamente, pode pleitear eficazmente em nosso favor. Ele é capaz de silenciar o acusador com argumentos baseados não nos nossos méritos, mas nos Seus.”⁶

Vestes manchadas de pecado? Culpa? Condição pecaminosa? Não admira que eles necessitem de argumentos fundados nos méritos de Cristo, não nos seus méritos!

Harmonia com a Lei de Deus

Mas o que dizer do Juízo pelas obras? Como é que ele se encaixa aqui? Ela escreve: “Todos os que verdadeiramente se tenham arrependido do pecado e que pela fé tenham reclamado o sangue

de Cristo, como seu Sacrifício expiatório, tiveram o perdão acrescentado ao seu nome, nos livros do Céu, tornando-se participantes da justiça de Cristo, e, ao verificar-se que o seu caráter está em harmonia com a Lei de Deus, os seus pecados serão riscados e eles próprios considerados dignos da vida eterna.”⁷

A frase-chave é “verifica-se que o seu caráter está em harmonia com a Lei de Deus”. “Verifica-se”, isto é, é investigado; “verifica-se”, isto é, é julgado. As suas obras, os seus feitos, “e cada coisa secreta” são expostos e revelados, e o que mostram: impecabilidade, ou um povo que – tendo-se tornado “participante da justiça de Cristo” – manifesta caracteres “em harmonia com a Lei de Deus”?

Sejam quais forem as suas faltas, sejam quais forem os seus erros passados, agora a sua vida, as suas obras, os seus feitos e as suas palavras mostram a realidade da sua fé e a profundidade do seu arrependimento (“Jesus não desculpa os seus pecados, mas apresenta o seu arrependimento e a sua fé”⁸). Portanto, o Juízo não é quando Deus finalmente decide aceitar-nos ou rejeitar-nos, mas quando Ele torna final a nossa escolha quanto a termos ou não verdadeiramente aceitado Deus, uma escolha manifestada pelas nossas obras. E essas obras revelam uma vida “em harmonia com a Lei de Deus”.

Em 1962, os Americanos lançaram o *Mariner 1*, que rapidamente se desviou da sua rota. Depois de alguns minutos no ar, mas antes que o foguetão pudesse danificar algo em terra, um engenheiro da *NASA* fez com que ele se autodestruísse.

O que aconteceu? Uma letra do código informático estava errada. Uma! Embora o código estivesse basicamente “em harmonia” com o que era necessário, não era exato, pelo que o lançamento falhou.

Um caráter em *harmonia* com a Lei de Deus é uma coisa maravilhosa; mas, em termos de salvação, não é melhor do que aquele foguetão falhado. Apenas a perfeita justiça de Jesus, que é a “justiça de Deus” (Romanos 3:22), pode fazer-nos passar pelo juízo pré-Advento. E esta justiça é o que o rito do Dia da Expição prefigurava, uma prefiguração tornada real na promessa evangélica de Daniel 8:14.

1
Gênesis 15:6; Isaías 53:4-6; Romanos 3:20-22; 4:1-3; Efésios 2:8; Gálatas 2:16.

2
Eclesiastes 12:14; I Coríntios 4:5; I Pedro 4:17; II Coríntios 5:10.

3
Exemplos incluem N. T. Wright, *What Saint Paul Really Said* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1997), 129. Cf. N. T. Wright, “Romans”, in *The New Interpreters Bible Commentary*, vol. 10 (Nashville, TN: Abingdon, 2002); veja também Mark Seifrid, “Justified by Faith and Judged by Works: A Biblical Paradox and its Significance”, *Other Faculty Scholarship*, paper 2 (2001); Nigel M. Watson, “Justified by Faith, Judged by Works – An Antinomy?”, *New Testament Studies* 29/2 (April 1983): 217; e Guy Prentiss Waters, *Justification and the New Perspective on Paul: A Review and Response* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed, 2004): 175-177, cf. 209 e 210.

4
Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 403, ed. P. SerVir (2020).

5
Idem, p. 405.

6
Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 5, p. 471.

7
Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 404, ed. P. SerVir (2020).

8
Idem, p. 405 (itálico acrescentado).



AUTOR:
Roberto Badenas



NOVIDADE!

1º Volume da Coleção *Luminares de Fé*



10€

De todos os encontros, há um que é o mais importante: o encontro com Jesus! Ao longo da História, muitas pessoas encontraram-se com Ele, e isso foi o ponto de viragem na sua vida.

 PUBLICADORA SERVIR

COMPRA *ONLINE* WWW.PSERVIR.PT | LIGUE 21 962 62 00
E-MAIL CLIENTES@PSERVIR.PT |  +351 925 896 870